

Contos de

**HONORÉ DE BALZAC**

**A obra-prima ignorada**

&

**O elixir da longa vida**



Contos de  
HONORÉ DE BALZAC

**A obra-prima ignorada**

&

**O elixir da longa vida**

**Capa**  
*O Lago das Ninféias,*  
de Claude Monet. Óleo sobre tela, 1899.

## Sumário

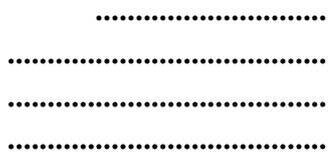
<b>A obra-prima ignorada</b> .....	7
Gillete.....	8
Catarina Lescault.....	32
<b>O elixir da longa vida</b> .....	43

BALZAC, Honoré de. “A obra-prima ignorada”. In *A comédia humana*. São Paulo: Globo, 1992.

BALZAC, Honoré de. “O elixir da longa vida”. In *Os melhores contos de Balzac*. Círculo do Livro.

---

## **A obra-prima ignorada**



1845<sup>1</sup>

## I Gillete

Em fins de 1612, numa fria manhã de dezembro, um rapaz, cujo vestuário era de modesta aparência, passeava em frente à porta de uma casa situada na rue des Grands Augustiniens, em Paris. Depois de por muito tempo caminhar por aquela rua com a irresolução de um amante que não ousa apresentar-se em casa da sua primeira conquista, por mais fácil que ela tivesse sido, acabou por transpor o umbral daquela porta e perguntou se mestre Francisco Porbus estava em casa. Ante a resposta afirmativa que lhe foi dada por uma velha entretida em varrer uma sala baixa, o jovem subiu agilmente os degraus, detendo-se em cada um deles como um cortesão noviço, inquieto pelo acolhimento que lhe faria o rei. Quando chegou ao alto da escada-

---

1 A identidade desse lorde, assim como o “sentido” das quatro linhas de pontinhos que substituem a dedicatória não puderam ser descobertos. Tratar-se-á, provavelmente, de uma dessas mistificações imitadas de Sterne que aparecem também na epígrafe de *A Pele de Onagro* e num trecho de *A Fisiologia do Casamento* (Meditação XXV).

ria de caracol, ficou um momento no patamar, hesitando se usaria ou não a grotesca aldrava que ornamentava a porta da oficina onde devia trabalhar o pintor de Henrique IV<sup>2</sup>, ao qual Maria de Médicis<sup>3</sup> preferiu Rubens. O rapaz experimentava essa sensação profunda que deve ter feito vibrar o coração dos grandes artistas quando, em pleno zênite da mocidade e do amor pela arte, enfrentaram um homem de gênio ou alguma obra-prima. Existe em todos os sentimentos humanos uma flor primitiva, engendrada por um nobre entusiasmo que vai continuamente enfraquecendo até que a felicidade não seja mais do que uma lembrança e a glória uma mentira. Por entre essas frágeis emoções, nada se assemelha tanto ao amor como a juvenil paixão de um artista que inicia o delicioso suplício de seu destino de glória e de infortúnio, paixão cheia de audácia e de timidez, de crenças vagas e de desânimos positivos. Ao artista que, de poucos haveres, que, adolescente de gênio, não palpitou vivamente ao apresentar-se diante de um mestre, sempre faltará uma corda no coração, não sei que pincelada, que sentimento na obra, que indefinível expressão de poesia. Se alguns fanfarrões, cheios de si, crêem muito cedo no futuro, esses serão homens de espírito somente para os néscios. A ser assim, o jovem desconhecido parecia ter verdadeiro merecimento, se é que o talento deve medir-se por essa timidez inicial, por esse pudor indefinível que os que são destinados à glória sabem perder no exercício de sua arte, como as mulheres bonitas perdem o seu nos manejos da faceirice. O hábito do triunfo apequena a dúvida, e o pudor é talvez uma dúvida.

---

2 Henrique IV (1553-1610), rei da França protetor das artes, depois de se divorciar de Margarida de Valois desposou Maria de Médicis.

3 Maria de Médicis (1573-1642), rainha da França, foi reconhecida regente pelo Parlamento depois da morte de Henrique IV, e concentrou todo o poder em suas mãos até 1617. Encarregou Rubens de pintar vários episódios da vida dela numa série de quadros, hoje conservados no Louvre

Deprimido pela miséria e surpreendido naquele momento por sua petulância, o pobre neófito não teria entrado em casa do pintor a quem devemos o admirável retrato de Henrique IV, sem um auxílio extraordinário que o acaso lhe proporcionou. Um ancião vinha subindo a escada. Pela singularidade do seu traje, pela magnificência de seu *cabeção* de renda, pela preponderante calma do seu andar, o rapaz adivinhou ser aquele personagem um protetor, ou amigo do pintor; recuou no patamar para dar-lhe lugar e examinou-o com curiosidade, na esperança de achar nele a boa índole de um artista ou o caráter serviçal das pessoas que amam a arte; mas naquele rosto divisou alguma coisa de diabólico, e, sobretudo, esse *não sei que* que tanto atrai os artistas. Imaginem uma fronte calva, abaulada, proeminente, projetando-se saliente sobre um nariz pequeno e chato, arrebicado na ponta como o de Rabelais ou o de Sócrates; uma boca risonha e enrugada, um queixo curto, orgulhosamente erguido, tapado por uma barba grisalha, aparada em ponta, olhos verde-mar embaciados na aparência pela idade, mas que, pelo contraste do branco nacarado em que a pupila flutuava, deviam por vezes despedir olhares magnéticos no paroxismo da cólera ou do entusiasmo. O rosto, aliás, estava singularmente emurchecido pelas fadigas da idade e, mais ainda, por esses pensamentos que corroem igualmente a alma e o corpo. Os olhos não tinham mais cílios, e mal se viam vestígios de sobrancelhas por sobre as arcadas salientes. Ponham essa cabeça num corpo franzino e débil, cerquem-na de uma renda de deslumbrante alvura e perfurada como uma colher para peixe, atirem sobre o gibão preto do ancião uma pesada corrente de ouro e terão uma imagem imperfeita desse personagem, ao qual a escassa luz da escada acrescentava ainda uma cor fantástica. Dir-se-ia uma tela de Rembrandt caminhando silenciosamente, e sem o quadro, na escura atmosfera de que o grande

pintor se apropriou. O ancião dirigiu ao rapaz um olhar repassado de sagacidade, bateu três pancadas na porta e disse a um homem valedudinário, de cerca de quarenta anos, que veio abrir:

— Bom dia, mestre.

Porbus inclinou-se respeitosamente; deixou o rapaz entrar, por julgá-lo trazido pelo ancião, e preocupou-se tanto menos com ele, por ter o neófito permanecido sob o encantamento que devem experimentar os pintores de vocação ante o aspecto do primeiro ateliê que vêem e onde se lhes revelam alguns dos processos materiais da arte. Uma clarabóia existente no teto iluminava o ateliê de Porbus. Concentrada sobre uma tela colocada no cavalete e que não fora ainda tocada senão por três ou quatro traços brancos, a luz não alcançava as negras profundezas dos cantos daquela vasta peça; entretanto, alguns reflexos perdidos faziam brilhar naquela sombra pardacenta uma paleta prateada no ventre de uma couraça de retre suspensa na parede, listavam com um brusco sulco de luz a cornija esculpida e encerada de um antigo aparador coberto de louças curiosas ou pontilhavam de pingos brilhantes o tecido granuloso de alguns velhos reposteiros de brocado dourado, de grandes pregas desfeitas, atirados ali como modelos. Manequins de gesso, fragmentos e bustos de deusas antigas, amorosamente polidas pelos beijos dos séculos, enchiam as mesinhas e os consolos. Numerosos esboços, estudos a lápis, a três cores, sanguíneos ou feitos a pena, cobriam as paredes até o teto. Caixas de tintas, garrafas de óleo e de essência, escabelos caídos não deixavam senão um caminho estreito para chegar embaixo da auréola projetada pela clarabóia, cujos raios caíam em cheio no pálido semblante de Porbus e sobre o crânio de marfim do homem singular. A atenção do rapaz foi logo exclusivamente solicitada por um quadro que, naquele tempo de motins e de revoluções, já se tornara célebre,

e que era visitado por alguns desses teimosos aos quais se deve a conservação do fogo sagrado durante os dias maus. Aquela bela página representava uma *Maria Egipcíaca*<sup>4</sup> que se dispunha a pagar a passagem da barca. Essa obra-prima, destinada a Maria de Médicis, foi por ela vendida nos dias de sua miséria.

— Tua santa me agrada disse o ancião a Porbus — e eu te daria por ela dez escudos de ouro acima do preço que a rainha oferece; mas competir com ela... é o diabo!

— Acha-a bem?

— Hum! hum! fez o ancião — bem?... sim e não. Essa tua mulherzinha não está mal-arranjada, mas não tem vida. Vocês pensam ter feito tudo quando desenharam corretamente uma figura e puseram corretamente cada coisa em seu lugar segundo as leis da anatomia! Vocês cobrem esse esboço com tonalidades de carne de antemão preparadas na paleta, tendo o cuidado de manter um dos lados mais sombrio do que o outro, e, como olham de quando em quando uma mulher nua que se conserva de pé em cima de uma mesa, julgam ter copiado a natureza; imaginam que são pintores e que roubaram o segredo de Deus!... Prrr! Não basta para ser um grande poeta conhecer a fundo a sintaxe e não cometer erros de linguagem! Olha tua santa, Porbus! À primeira vista ela parece admirável; mas a um segundo exame vê-se que está colada no fundo da tela e que não seria possível dar uma volta em torno do seu corpo. É uma silhueta que só tem uma face, é uma aparência recortada, uma imagem incapaz de

---

4 *Maria Egipcíaca*: Santa Maria, a Egipcíaca (século V), que segundo a lenda levava em Alexandria uma vida escabrosa. Tendo visto um grupo de peregrinos que se destinava a Jerusalém, resolveu ir com eles, mas ao chegar a um rio não tinha com que pagar a sua passagem. Foi quando lhe ocorreu entregar-se ao canoieiro para poder acompanhar os peregrinos. Esse episódio forneceu assunto para inúmeros quadros, lendas e poesias.

se virar, de mudar de posição. Não sinto ar entre esse braço e o fundo do quadro; faltam espaço e profundidade: entretanto, em perspectiva tudo está bem e a degradação aérea está exatamente observada; mas, apesar de tão louváveis esforços, eu não poderia crer que esse belo corpo esteja animado pelo morno sopro da vida. Parece-me que, se eu colocasse a mão naquele colo de carnes firmes e harmoniosas, eu o acharia frio como mármore. Não, meu amigo, o sangue não corre por baixo daquela pele de marfim, a vida não intumescce com seu orvalho purpúreo as veias e as fibrilas que se entrelaçam em redes sob a transparência de âmbar das têmporas e do peito. Este lugar palpita, mas aquele outro está imóvel, em cada pormenor a vida e a morte lutam: aqui é uma mulher, ali é uma estátua, mais além é um cadáver. Tua criação é incompleta. Não pudeste transmitir senão uma parte de tua alma à tua obra querida. O facho de Prometeu<sup>5</sup> mais de uma vez se apagou nas tuas mãos e muitos lugares do teu quadro não foram tocados pela chama celeste.

— Mas por quê, meu caro mestre? — disse respeitosamente Porbus ao ancião, enquanto o rapaz dificilmente reprimia um forte desejo de sová-lo.

— Ah! aí está! — respondeu o velhinho. — Flutuaste indeciso entre os dois sistemas, entre o desenho e a cor, entre a fleuma minuciosa, a rigidez precisa dos velhos mestres alemães e o ardor deslumbrante, a feliz abundância dos pintores italianos. Quiseste imitar ao mesmo tempo Hans Holbein e Ticiano, Albrecht Dürer e Paolo

---

5 *Prometeu*: filho de um titã e irmão de Atlante, segundo a mitologia, formou o homem do limo da terra e, para animá-lo, roubou o fogo do céu. Sofreu, por isso, terrível castigo: por ordem de Júpiter, foi acorrentado por Vulcano ao Cáucaso, onde um abutre vinha devorar-lhe o fígado, até que Hércules o libertou.

Veronese<sup>6</sup>. Evidentemente, era isso uma ambição magnífica! Mas que aconteceu? Não alcançaste nem a sedução severa da *secura* nem as decepcionantes magias do claro-escuro. Neste lugar, como um bronze em fusão que arrebenta seu molde fraco demais, a rica e loura cor do Ticiano fez romper-se o magro contorno de Albrecht Dürer, em que o tinhas moldado. Além, o desenho resistiu aos magníficos transbordamentos da paleta veneziana e os conteve. Tua figura não está nem perfeitamente desenhada nem perfeitamente pintada, e mostra em toda parte os vestígios dessa infeliz indecisão. Se não te sentias suficientemente forte para fundir juntos ao fogo do teu gênio as duas maneiras rivais, devias ter optado francamente por uma ou outra, a fim de obter a unidade que simula uma das condições da vida. Tu não és verdadeiro senão nos centros, teus contornos são falsos, não se envolvem e nada prometem por detrás. Aqui há verdade — disse o ancião, mostrando o peito da santa. — E também aqui — continuou ele indicando o ponto em que, no quadro, terminava o ombro. — Mas ali — acrescentou, voltando ao centro do colo — tudo é falso. Não analisemos nada, que isso seria desesperar-te.

O ancião sentou-se numa banquetta, segurou a cabeça com as

---

6 Hans Holbein: nome de dois pintores alemães, Hans Holbein o velho (1465-1524), especializado em assuntos religiosos, e seu filho, Hans Holbein o Moço (1497-1543), um dos retratistas mais ilustres. Aqui Balzac refere-se ao segundo. Entre seus quadros distinguem-se sobretudo os retratos de Luther Auerbach, Thomas Moore, Erasmo e vários auto-retratos. — Ticiano: Tiziano Vecelli (1488-1576), além de quadros alegóricos (*Amor Sagrado e Profano*), mitológicos (*Danaé*) e religiosos, exceu no retrato. Suas produções mais famosas nesse gênero representam o Imperador Carlos V e Filipe V, rei da Espanha. — Albrecht Dürer (1471-1538): pintor e gravador alemão, um dos maiores artistas de todos os tempos, aperfeiçoador das artes da xilogravura e da água-forte. Entre seus retratos pintados são notáveis os de Melanchton e Erasmo, e vários auto-retratos. — Paolo Veronese: ver a nota de Massimilla Doni.

mãos e ficou calado.

Mestre — disse-lhe Porbus —, entretanto estudei bem o nu deste colo; mas, por infelicidade nossa, existem efeitos verdadeiros na natureza que na tela não são mais prováveis...

— A missão da arte não é copiar a natureza e sim exprimi-la! Não é um vil copista, e sim um poeta! — exclamou vivamente o ancião, interrompendo Porbus com um gesto despótico. — De outra forma, um escultor estaria quite com todos os seus trabalhos modelando uma mulher! Pois bem, experimenta modelar a mão de tua amante e a colocar diante de ti; depararás com um horrível cadáver, sem nenhuma aparência, e serás forçado a ir em busca do escopro do homem que, sem copiá-la exatamente, nela representará o movimento e a vida. Temos de apreender o espírito, a alma, a fisionomia das coisas e dos seres. Os efeitos! os efeitos! mas se eles são os acidentes da vida e não a vida! Uma mão, já que recorri a esse exemplo, uma mão não está unicamente presa ao corpo, ela exprime e continua um pensamento que é preciso apreender e reproduzir. Nem o pintor nem o poeta nem o escultor devem separar o efeito da causa, que invencivelmente estão um no outro. A verdadeira luta está aí! Muitos pintores triunfam instintivamente sem conhecer esse tema da arte. Vocês desenharam uma mulher, mas não a vêem! Não é assim que se consegue forçar o arcano da natureza. As mãos de vocês reproduzem, sem que se dêem conta, o modelo que copiaram na oficina do mestre. Vocês não descem suficientemente na intimidade da forma, não a perseguem com suficiente amor e perseverança nos seus desvios e nas suas fugas. A beleza é uma coisa severa e difícil que não se deixa alcançar à vontade, é preciso esperar suas horas, espioná-la, acozá-la e enlaçá-la firmemente para obrigá-la a render-se. A Forma é um Proteu<sup>7</sup> muito mais ina-

---

7 Proteu: divindade mitológica que mudava constantemente de formas.

tingível e mais fértil em sinuosidades do que o Proteu da Fábula; não é senão depois de demorados combates que se pode constrangê-la a mostrar-se sob seu verdadeiro aspecto. Vocês contentam-se com a primeira aparência que ela lhes entrega, ou quando muito com a segunda, ou com a terceira; não é assim que procedem os lutadores vitoriosos! Esses pintores jamais vencidos não se deixam ludibriar por esses mais-ou-menos, perseveraram até que a natureza se veja reduzida a mostrar-se inteiramente nua, e no seu verdadeiro espírito. Assim procedeu Rafael — disse o ancião, tirando seu boné de veludo preto para exprimir o respeito que lhe inspirava o rei da arte —, sua grande superioridade provém do sentido íntimo que, nele, parece querer despedaçar a forma. A forma, nas suas figuras, é o mesmo que entre nós, um intérprete para comunicar idéias, sensações, uma vasta poesia. Toda imagem é um mundo, um retrato cujo modelo surgiu numa visão sublime, colorido de luz, designado por uma voz interior, despido por um dedo celestial que mostrou, no passado de toda uma vida, as fontes da expressão. Vocês fazem nas suas mulheres belos vestidos de carne, belos cortinados de cabelos, mas onde o sangue que engendra a calma ou a paixão e que causa efeitos particulares? Tua santa é uma mulher morena, mas isto aqui, meu pobre Porbus, é de uma loura! As figuras de vocês são então pálidos fantasmas coloridos que vocês nos passeiam diante dos olhos, e chamam a isso pintura e arte! Pelo fato de terem feito alguma coisa que se assemelha mais a uma mulher do que a uma casa, vocês pensam ter alcançado o alvo, e, muito ufanos por não serem mais obrigados a escrever ao lado de suas figuras, *currus venustus*<sup>8</sup> ou *pulcher homo*, como os primeiros pintores, vocês julgam ser artistas maravilhosos! Ah! ah! ainda não alcançaram o alvo, meus denodados companheiros; terão ainda de

---

8 *Currus venustus*: (em latim) “lindo carro”. — *Pulcher homo*: “belo homem”.

gastar muitos lápis, borrar muitas telas antes de tal conseguir! Não há dúvida de que uma mulher traz a cabeça desse modo, ela segura a saia assim, seus olhos se enlanguescem e se fundem nesse ar de doçura resignada, a sombra palpitante dos cílios flutua desse modo sobre as faces! É isso e não é isso. Que falta, pois? um nada, mas esse nada é tudo. Vocês dão a aparência da vida mas não exprimem seu excesso que transborda, esse não sei que que é a alma, talvez, e que flutua nebulosamente sobre o invólucro; enfim, essa flor de vida que Ticiano e Rafael surpreenderam. Partindo-se do ponto extremo a que vocês chegaram, far-se-ia, talvez, excelente pintura; mas vocês se cansam muito depressa. O vulgo admira, mas o verdadeiro conhecedor sorri. Ó Mabuse<sup>9</sup>, ó meu mestre — acrescentou aquele singular personagem —, és um ladrão, levaste a vida contigo! Feitas essas restrições — prosseguiu —, esta tela vale mais do que as pinturas desse mariola de Rubens, com as suas montanhas de carnes flamengas, polvilhadas de vermelhão, com suas bátegas de cabeleiras castanhas e sua orgia de cores. Pelo menos você tem aí cor, sentimento e desenho, as três partes essenciais da arte.

- Mas essa santa é sublime, velhote! — exclamou o rapaz com voz forte, ao sair de demorado devaneio. — Essas duas figuras, a da santa e a do barqueiro, têm uma finura de intenção que os pintores italianos ignoravam; não conheço um único que tivesse inventado a indecisão do barqueiro.

— Esse maroto é seu? — perguntou Porbus ao ancião.

— Ai de mim! mestre, perdoe o meu atrevimento — respondeu

---

9 Mabuse: Jean Gossaert de Mabuse, ou de Maubeuge (1478-1536), pintor flamengo que introduziu em seu país o estilo italiano; autor de quadros mitológicos como *Danaé Recebendo a Chuva de Ouro* e, sobretudo, de quadros religiosos, entre os quais uma famosa *Descida da Cruz*.

o neófito, corando. — Sou desconhecido, um pintamonos instintivo, e chegado faz pouco a esta cidade, fonte de toda ciência.

- Mãos à obra! — retrucou-lhe Porbus apresentando-lhe um lápis vermelho e uma folha de papel.

O desconhecido copiou celeremente a *Maria* em poucos traços.

— Oh! oh! — exclamou o ancião. — Como se chama?

O rapaz escreveu por baixo: *Nicolas Poussin*<sup>10</sup>.

— Eis aqui algo que não está mal para um principiante — afirmou a singular personagem que tão aloucadarnente discorria. — Vejo que se pode falar em pintura diante de ti. Não te censuro por teres admirado a santa de Porbus. Para todos é uma obra-prima, e somente os iniciados nos mais profundos arcanos da arte podem descobrir no que ela peca. Uma vez, porém, que és digno da lição e capaz de compreender, vou fazer-te ver o pouco que seria preciso para completar a obra. Abre bem os olhos e presta toda a atenção, pois semelhante ocasião de te instruíres não tornará jamais, talvez, a se apresentar. Tua paleta, Porbus!

Porbus foi buscar a paleta e os pincéis. O velhinho arregaçou as mangas com um gesto de rudeza convulsa, passou o polegar na paleta matizada e cheia das tintas que Porbus lhe oferecia; arrancou-lhe das mãos, mais do que o recebeu, um punhado de pincéis de todos os tamanhos, e sua barba, aparada em ponta, moveu-se subitamente por esforços ameaçadores que exprimiam o prurido de uma apaixonada fantasia. Ao mesmo tempo que enchia o pincel de tinta, resmungava entre dentes:

“Estas cores só prestam para ser atiradas pela janela, junto com o que as misturou: são de uma crueza e de uma falsidade revoltantes!

---

10 Nicolas Poussin: ver nota 36 de *A Pele de Onagro*. O episódio de sua vida, aqui relatado, é imaginário.

Como se poderá pintar com isso?”

Molhava depois com febril vivacidade a ponta do pincel nas várias cores, das quais percorria por vezes toda a escala mais rapidamente do que um organista de catedral percorre a extensão de seu teclado no *O filii* da Páscoa.

Porbus e Poussin permaneciam imóveis, cada um deles a um lado da tela, mergulhados na mais veemente contemplação.

— Vês, rapaz — ia dizendo o velho, sem se voltar —, vês como por meio de três ou quatro pinceladas e de uns toques azulados se podia fazer o ar circular à roda da cabeça desta pobre santa, que devia estar sufocada e sentir-se presa nessa atmosfera densa! Olha como esta fazenda revolteia agora e como se compreende que a brisa a soergue! Antes tinha o aspecto de uma tela engomada e presa com alfinetes. Estás notando como o brilho acetinado que acabo de depor no peito reproduz bem a fofa flexibilidade de uma pele de moça, e como o tom misturado de pardo-avermelhado e de ocre calcinado aquece a grísea frieza desta grande sombra na qual o sangue se coagulava em vez de circular? Rapaz, rapaz, o que aqui te estou mostrando nenhum mestre poderia ensinar-te. Somente Mabuse possuía o segredo de dar vida às figuras. Mabuse teve somente um discípulo, e esse sou eu. Eu não tive nenhum, e estou velho! Tens suficiente inteligência para adivinhar o resto, por isto que te estou deixando entrever.

Ao mesmo tempo que falava, o estranho ancião tocava em todos os pontos do quadro: aqui duas pinceladas, ali uma única, mas sempre tão a propósito que se diria uma nova pintura, mas uma pintura banhada de luz. Trabalhava com um ardor tão apaixonado que o suor gotejou na sua fronte calva; ia tão rapidamente com pequenos movimentos tão impacientes, tão entrecortados que, para o jovem Poussin, parecia haver no corpo daquela singular personagem um

demônio que atuava por suas mãos, tomando-as fantasticamente contra a vontade do homem. O brilho sobrenatural de seus olhos, as convulsões que pareciam o efeito de uma resistência davam àquela idéia um simulacro de verdade que devia atuar sobre uma imaginação moça. O ancião continuava dizendo:

— Paf! paf! paf! eis aqui como isto se lambuza, rapaz! Venham, minhas pinceladinhos, façam-me crestar este tom glacial! Vamos! Pon! pon! pon! — murmurava, dando calor às partes onde se assinalara uma falta de vida, fazendo desaparecer por meio de algumas placas de tinta as diferenças de temperamento, e restabelecendo a uniformidade de tom exigida por uma ardente egípcia.

— Vês, meu filho, o que vale é a última pincelada. Porbus deu cem; eu dou uma somente. Ninguém nos agradece o que está embaixo. Fique sabendo isso bem!

Finalmente, aquele demônio se deteve, e, virando-se para o Porbus e Poussin, mudos de admiração, disse-lhes:

— Isto não vale ainda a minha *Belle Noiseuse*<sup>11</sup>; entretanto, podia-se assinar o nome ao pé de semelhante obra. Sim, eu a assinaria — acrescentou, erguendo-se para pegar um espelho, no qual olhou-a. — Agora, vamos almoçar — disse ele. — Venham os dois à minha casa. Tenho presunto defumado e bom vinho!... Eh! eh! apesar dos tempos desgraçados, falaremos de pintura! Somos de força... Aqui está um homenzinho — acrescentou, dando uma palmada no ombro de Nicolas Poussin — que tem facilidades.

Ao ver então o casaco ordinário do normando, tirou do cinturão uma bolsa de couro, meteu os dedos nela, de lá trouxe duas moedas

---

11 *Belle Noiseuse*: “A linda brigona” (O adjetivo *noiseux noiseuse*, arcaico é um derivado do substantivo *noise* ainda usado na expressão *chercher noise à quelqu’un* “procurar briga com alguém”).

de ouro e, mostrando-lhas:

— Compro o teu desenho disse ele.

— Aceita — aconselhou Porbus a Poussin, ao vê-lo estremecer e corar de vergonha, porquanto o jovem adepto tinha o orgulho do pobre. — Aceita de uma vez, pois que na sua sacola ele tem o resgate de dois reis.

Os três desceram a escada da oficina e caminharam charlando a respeito de arte, até chegarem a uma bela casa de madeira situada perto da ponte de São Miguel, e cujos ornamentos, a aldraba, os caixilhos das janelas, os arabescos, maravilharam Poussin. O aspirante a pintor viu-se repentinamente numa sala baixa, diante de um bom fogo, junto a uma mesa servida de manjares apetitosos, e, por uma felicidade inaudita, na companhia de dois grandes artistas cheios de bonomia.

— Jovem — disse-lhe Porbus, ao vê-lo pasmado em frente a um quadro —, não olhe muito essa tela, pois ficaria desesperado.

Era o *Adam*, que Mabuse fez para sair da prisão na qual seus credores o retiveram durante muito tempo. Aquela figura apresentava, efetivamente, um tal poder de realidade que Nicolas Poussin começou, desde aquele momento, a compreender o verdadeiro sentido das confusas palavras do ancião. Este contemplava o quadro com ar satisfeito, mas sem entusiasmo, parecendo dizer: “Fiz coisa melhor!”

— Há vida aí — comentou —; meu pobre mestre sobrepujou-se; falta, porém, ainda um pouco de verdade no fundo da tela. O homem está bem vivo, vai levantar-se e dirigir-se para nós. Mas o ar, o céu, o vento que respiramos, vemos e sentimos não estão aí. Ademais, não há aí mais do que um homem! Ora, o único homem saído diretamente das mãos de Deus devia ter algo de divino, que falta. O próprio Mabuse, quando não estava ébrio, dizia isso cheio de despeito.

Poussin olhava alternativamente para o ancião e para Porbus com uma curiosidade inquieta. Aproximou-se deste como para perguntar-lhe o nome do anfitrião; o pintor, porém, pôs um dedo nos lábios com ar de mistério, e o rapaz, vivamente interessado, calou-se, esperando que cedo ou tarde alguma palavra lhe permitiria adivinhar o nome do seu hospedeiro, cuja riqueza e talentos eram suficientemente atestados pelo respeito que Porbus lhe testemunhava e pelas maravilhas acumuladas naquela sala.

Poussin, ao ver no sombrio forro de madeira de carvalho um magnífico retrato de mulher, exclamou:

— Que belo Giorgione!<sup>12</sup>

— Não — replicou o ancião —, está vendo uma das minhas primeiras lambuzadas.

— Demônios! estou então em casa do deus da pintura! — disse ingenuamente Poussin.

O ancião sorriu como um homem habituado de há muito a esse elogio.

— Mestre Frenhofer! — disse Porbus — não quererá mandar buscar um pouco do seu bom vinho do Reno para mim?

— Duas pipas! — respondeu o ancião. — Uma para pagar o prazer que tive esta manhã ao ver tua linda pecadora e a outra como um presente de amizade.

— Ah! se eu não estivesse sempre doente — respondeu Porbus — e se quisesse deixar-me ver sua *Belle Noiseuse*, eu poderia fazer alguma pintura elevada, vasta e profunda, na qual as figuras seriam

---

12 Giorgione: apelido de Giorgio da Castelfranco (1477-1510), um dos grandes pintores da alta Renascença em Veneza, autor de retratos e cenas religiosas e mitológicas; a maioria das obras que se lhe atribuem é de autenticidade duvidosa.

de tamanho natural.

— Mostrar minha obra! — disse o ancião, emocionado. — Não! não! preciso aperfeiçoá-la ainda. Ontem, ao entardecer, pensei tê-la terminado. Os olhos dela pareciam-me úmidos, sua carne estava agitada. As tranças dos seus cabelos moviam-se. Ela respirava! Embora eu tenha achado o meio de realizar numa tela chata o relevo e as rotundidades da natureza, hoje de manhã, à luz, reconheci meu erro. Ah! para chegar a esse resultado glorioso, estudei a fundo os grandes mestres do colorido, analisei e ergui camada por camada os quadros do Ticiano, esse rei da luz; como esse pintor soberano, esbocei minha figura num tom claro com uma pasta flexível e abundante, porque a sombra nada mais é do que um acidente, guarda isso, garoto! Depois voltei à minha obra e, por meio de meias-tintas e de cores claras e translúcidas cuja transparência eu ia diminuindo gradualmente, reproduzi as mais vigorosas sombras e até os mais rebuscados negros; porquanto as sombras dos pintores comuns são de outra natureza que os seus tons claros; é madeira, é bronze, e tudo que quiserem, menos carne na sombra. Sente-se que, se as figuras deles mudassem de posição, os lugares sombreados não se clareariam e não se tornariam luminosos. Evitei esse erro, no qual muitos dos mais ilustres caíram, e em mim a alvura se realça sob a opacidade da mais firme sombra. Não fiz como uma porção de ignorantes que pensam desenhar corretamente porque fazem um traço cuidadosamente nítido; não, eu não assinalei secamente as bordas exteriores da minha figura e não fiz ressaltar até a menor minúcia anatômica, porque o corpo humano não acaba por linhas. Nisso, os escultores podem aproximar-se mais da verdade do que nós. A natureza comporta uma série de curvas que se envolvem umas nas outras. Rigorosamente falando, o desenho não existe! Não se ria, rapaz! Por mais estranha que lhe pareça essa

afirmação, algum dia você lhe compreenderá as razões. A linha é o meio pelo qual o homem se dá conta do efeito da luz sobre os objetos; mas na natureza, onde tudo é cheio, não há linhas: é modelando que se desenha, isto é, que se destacam as coisas do meio em que elas se acham: é somente a distribuição da luz que dá aparência ao corpo! Por isso não fixei os traços, espalhei sobre os contornos uma nuvem de meias-tintas louras e quentes que faz com que não se possa com precisão colocar o dedo no lugar em que eles se confundem com o fundo. De perto, esse trabalho parece nebuloso e como que falto de precisão; mas a dois passos tudo se afirma, se detém, se destaca; o corpo gira, as formas tornam-se salientes, sente-se o ar circular em torno. Entretanto, ainda não estou satisfeito, tenho dúvidas. Seria preciso talvez não desenhar um único traço, talvez fosse preferível começar uma figura pelo meio, dedicando-se primeiro às saliências mais iluminadas, para passar depois às porções mais sombrias. Não é assim que faz o sol, esse divino pintor do universo? Ó natureza! natureza! quem jamais te surpreendeu nas tuas fugas! Olhem, o excesso de ciência, do mesmo modo que a ignorância, leva a uma negação. Não tenho confiança na minha obra!

O ancião fez uma pausa, depois prosseguiu:

— Faz dez anos, meu rapaz, que trabalho; mas o que são dez mingados anos quando se trata de tirar com a natureza? Ignoramos o tempo que o senhor Pigmalião empregou para fazer a única estatua que caminhou!

O ancião mergulhou em profunda meditação e permaneceu de olhos fixos, brincando maquinalmente com uma faca.

— Ei-lo em conversação com o seu *espírito!* — disse Porbus em voz baixa.

Ao ouvir tais palavras, Nicolas Poussin sentiu-se sob a influência

de uma inexplicável curiosidade de artista. Aquele ancião de olhos brancos, atento e estúpido, que se tornara para ele mais do que um homem, afigurou-se-lhe um gênio fantástico que vivesse numa esfera desconhecida. Ele despertava-lhe mil idéias confusas na alma. O fenômeno moral dessa espécie de fascinação não pode ser definido, tanto quanto não o pode ser a emoção provocada por uma canção que lembre a pátria no coração de um exilado. O desprezo que aquele homem velho afetava manifestar pelas mais belas tentativas da arte, sua riqueza, suas maneiras, a deferência de Porbus por ele, aquela obra por tanto tempo mantida em segredo, obra de paciência, sem dúvida uma obra de gênio, se se devia julgar pela cabeça da *Virgem* que o jovem Poussin tão francamente admirara e que, bela ainda, mesmo ante o *Adam* de Mabuse, atestava a imperial feitura de um dos príncipes da arte: tudo naquele ancião ultrapassava os limites da natureza humana. O que a rica imaginação de Nicolas Poussin pôde apreender de claro e de perceptível ao ver aquela criatura sobrenatural foi uma imagem completa da natureza artística, dessa aloucada natureza à qual são confiados tantos poderes e que com demasiada freqüência deles abusa, arrastando a fria razão, os burgueses e mesmo alguns amadores através de mil estradas pedregosas onde, para eles, nada há; ao passo que, brincalhona nas suas fantasias, essa rapariga de asas brancas ali descobre epopéias, castelos, obras de arte. Natureza zombeteira e boa, fecunda e pobre! Assim, pois, para o entusiasta Poussin, aquele ancião tornara-se, por uma súbita transfiguração, a própria Arte, a arte com os seus segredos, seus ardores e seus devaneios.

— Sim, meu caro Porbus —olveu Frenhofer —, faltou-me até agora encontrar uma mulher irrepreensível, um corpo cujos contornos sejam de uma beleza perfeita e cuja carnação... Mas — continuou

ele, após uma pausa — onde viverá essa Vênus dos antigos, impossível de achar, tantas vezes procurada e da qual encontramos apenas algumas belezas esparsas? Oh! para ver um momento, uma única vez, a natureza divina, completa, o ideal enfim, eu daria toda a minha fortuna... Mas irei procurar-te nos teus limbos, beleza celestial! Como Orfeu<sup>13</sup>, descerei ao inferno da arte para de lá trazer a vida.

— Podemos ir embora daqui — disse Porbus a Poussin —; ele não nos ouve mais, não nos vê mais!

Vamos ao seu ateliê — propôs o rapaz, maravilhado.

— Oh! o velho retre soube defender-lhe a enxada. Seus tesouros estão por demais bem guardados para que possamos chegar até eles. Não esperei tua opinião e tua fantasia para tentar o assalto do mistério

— Há, então, um mistério?

— Sim — respondeu Porbus. — O velho Frenhofer foi o único discípulo que Mabuse quis ter. Tendo-se tornado amigo dele, seu salvador, seu pai, Frenhofer sacrificou a maior parte de seus tesouros para satisfazer as paixões de Mabuse; em troca, este legou-lhe o segredo do relevo, o poder de dar às figuras essa vida extraordinária, essa flor de natureza, nosso eterno desespero, mas da qual ele possuía tão bem a *feitura* que um dia, tendo vendido e bebido o damasco de flores com o qual devia vestir-se por ocasião da entrada de Carlos

---

13 Orfeu: personagem mitológica, músico de extraordinário talento. Com sua lira comovia não só as pessoas vivas, mas as feras e até os objetos inanimados. Tendo sua esposa, a ninfa Eurídice, sido mordida por uma cobra no próprio dia das núpcias, Orfeu desceu ao Inferno e com os acantos de sua lira comoveu as divindades infernais. Estas prometeram-lhe devolver a esposa, que devia segui-lo até a terra, contanto que ele não se virasse antes de lá chegarem. Mas Orfeu não soube dominar a curiosidade, virou-se e viu Eurídice pela última vez.

V, ele acompanhou seu senhor com um vestuário de papel pintado de damasco. O brilho particular da fazenda do traje de Mabuse surpreendeu o imperador, o qual, querendo dirigir um cumprimento ao protetor do velho ébrio, descobriu a intrujice. Frenhofer é um homem apaixonado pela nossa arte, que vê mais acima e mais longe do que os outros pintores. Ele meditou profundamente sobre as cores, sobre a verdade absoluta da linha; mas, à força de pesquisas, chegou mesmo a duvidar do objeto delas. Nos seus momentos de desespero, ele acha que o desenho não existe e que com linhas não se podem reproduzir senão figuras geométricas; o que ultrapassa a verdade, porquanto com a linha e o preto, que não é uma cor, pode-se fazer uma figura; o que prova que a nossa arte é, como a natureza, composta de uma infinidade de elementos: o desenho dá o esqueleto, a cor é a vida, mas a vida sem o esqueleto é uma coisa mais incompleta do que o esqueleto sem a vida. Enfim, há alguma coisa mais verdadeira do que tudo isto, e é que a prática e a observação são tudo num pintor, e que, se o raciocínio e a poesia se malquistam com os pincéis, chega-se à dúvida como o velhote, que é tão louco quanto pintor. Pintor sublime, ele teve a desgraça de nascer rico, o que lhe permitiu divagar; não o imite! Trabalhe! Os pintores só devem meditar com o pincel na mão.

— Nós penetraremos lá! — exclamou Poussin, que não ouvia mais Porbus e de mais nada duvidava.

Porbus sorriu ante o entusiasmo do jovem desconhecido e separou-se dele convidando-o a que o fosse visitar.

Nicolas Poussin voltou a passos lentos para a rue de la Harpe e ultrapassou sem se dar conta a modesta hospedaria onde se alojava. Subindo com inquieta celeridade sua escada miserável, chegou a um quarto no alto, situado sob um telhado com trapeira, simples o ligeira cobertura das casas da velha Paris. Junto à única e sombria janela

daquela quarto estava uma moça, a qual, ao ruído da porta, ergueu-se subitamente por um impulso de amor; reconheceu o pintor pelo modo com que ele movera o trinco.

— Que tens? — perguntou-lhe.

— Tenho... tenho... — exclamou ele sufocado de gozo — que me senti pintor! Até agora tinha duvidado de mim, mas esta manhã tive confiança em mim! Posso ser um grande homem! Crê, Gillette, sere-mos ricos, felizes! Há ouro nesses pincéis...

Mas calou-se de repente. Seu rosto grave e vigoroso perdeu sua expressão de alegria quando comparou a imensidão das suas esperanças com a mediocridade de seus recursos. As paredes estavam cobertas de simples papéis cheios de esboços a lápis. Não possuía senão quatro telas próprias. As tintas estavam então muito caras e o pobre rapaz via sua paleta pouco mais ou menos vazia. No seio dessa miséria, ele possuía e sentia riquezas incríveis no coração e a superabundância de um gênio devorador. Trazido a Paris por um de seus amigos, fidalgo, ou talvez pelo seu próprio talento, ele ali veio encontrar subitamente uma amante, uma dessas almas nobres e generosas que vêm sofrer junto a um grande homem, partilham seus trabalhos e se esforçam por compreender-lhes os caprichos; forte para a miséria e o amor, como outros são intrépidos para usar o luxo e fazer ostentação de sua insensibilidade. O sorriso que errava nos lábios de Gillette dou-rava aquele sótão e rivalizava com o brilho do céu. O sol nem sempre brilhava, ao passo que ela sempre estava ali, interiorizada na sua paixão, presa à sua felicidade, ao seu sofrimento, consolando o gênio que transbordava no amor antes de se apoderar da arte.

— Ouve, Gillette, vem.

A obediente e alegre moça saltou sobre os joelhos do pintor. Era ela toda graça, toda beleza, linda como uma primavera, ornada com

todas as riquezas femininas e iluminando-as com o fogo de uma bela alma.

— Oh! Deus! — exclamou ele — jamais me atreverei a dizer-lhe...

— Um segredo? — perguntou ela. — Quero sabê-lo.

Poussin permaneceu pensativo.

— Fala de uma vez.

— Gillette... pobre coração amado!

— Oh! queres alguma coisa de mim?

— Sim.

— Se queres que eu pose ainda para ti, como no outro dia — replicou ela com um arzinho amuado —, jamais consentirei em tal, porque nesses momentos teus olhos não me dizem mais nada. Não pensas mais em mim e contudo me olhas.

— Preferirias ver-me copiando uma outra mulher?

— Talvez — disse ela —, se fosse bem feia.

— Pois bem — replicou Poussin, em tom sério —, se, pela minha glória futura, se, para me tornar um grande pintor, fosse preciso ir posar para outro?

— Queres pôr-me à prova — respondeu ela. — Sabes perfeitamente que eu não iria.

Poussin inclinou a cabeça sobre o peito, como um homem que sucumbe a uma alegria ou a uma dor forte demais para a sua alma.

— Ouve — disse ela puxando Poussin pela manga de seu gibão surrado. —, eu te disse, Nick, que daria minha vida por ti; mas nunca te prometi renunciar ao meu amor enquanto vivesse.

— Renunciar? — exclamou o jovem artista.

— Se eu me mostrasse assim a um outro, tu não me amarias mais, e eu mesma me acharia indigna de ti. Obedecer aos teus caprichos não é uma coisa natural e simples? Embora não queira, sinto-me fe-

liz e mesmo orgulhosa por fazer tua vontade querida. Mas para um outro, Deus me livre!

— Perdoa, minha Gillette — disse o pintor ajoelhando-se aos pés dela. — Prefiro ser amado a ser glorioso. Para mim, és mais bela do que a fortuna e as honrarias. Vai, atira fora meus pincéis, queima esses esboços. Enganei-me. Minha vocação é amar-te. Não sou um pintor, sou um amante. Morram a arte e todos os seus segredos!

Ela admirava-o, feliz, seduzida. Ela reinava, sentia instintivamente que as artes eram esquecidas por ela e atiradas a seus pés como um grão de incenso.

— Entretanto, trata-se apenas de um ancião — insistiu Poussin. — Ele não poderá ver em ti senão a mulher. Tu és tão perfeita!

— É preciso amar muito — exclamou ela, pronta a sacrificar seus escrúpulos de amor a fim de recompensar seu amante por todos os sacrifícios que ele lhe fazia. — Mas — acrescentou — isso seria perder-me. Ah! perder-me por ti... Sim, seria uma coisa belíssima! Mas tu me esquecerás. Oh! que mau pensamento esse que tiveste!

— Tive-o e te amo — disse ele com uma espécie de contrição. — Mas então serei um infame?

— Consultemos o velho Hardouin — propôs ela.

— Oh! não; fique isso em segredo entre nós dois.

— Pois bem, irei; mas que não estejas presente — disse ela. — Fica na porta, armado com o teu punhal; se grito, entra e mata o pintor.

Não vendo mais do que sua arte, Poussin estreitou Gillette em seus braços.

“Ele não me ama mais!”, pensou Gillette, quando ficou só.

Já estava arrependida da sua resolução. Mas logo foi presa de um pavor mais cruel do que seu arrependimento; esforçou-se em repelir um pen-

samento horrível que se erguia em seu coração. Julgava já estar amando menos o pintor por suspeitar ser ele menos estimável do que antes.

## II

### Catarina Lescault

Três meses depois do encontro de Poussin e Porbus, este foi visitar mestre Frenhofer. O ancião estava então sujeito a um desses desânimos profundos e espontâneos cuja causa, se devemos dar créditos aos matemáticos da medicina, reside numa má digestão, no vento, no calor, ou em alguma inchação dos hipocôndrios; e, segundo os espiritualistas, na imperfeição da nossa natureza moral. O velhote pura e simplesmente se cansara em dar a última demão no seu misterioso quadro. Estava preguiçosamente sentado numa vasta poltrona de carvalho esculpido, forrada de couro preto; e, sem sair de sua atitude melancólica, dirigiu a Porbus o olhar de um homem que se instalara no seu tédio.

— E então, mestre — perguntou-lhe Porbus —, o ultramar que foi buscar em Bruges não era bom? Será que não soube misturar nosso novo branco? Seu óleo era ruim ou os pincéis eram teimosos?

— Ai de mim! — exclamou o ancião — durante um momento acreditei que minha obra estivesse concluída; mas com certeza me enganei nalguns detalhes e não sossegarei enquanto não dissipar mi-

nhas dúvidas. Estou decidido a viajar e vou à Turquia, à Grécia, à Ásia para procurar por lá um modelo e comparar meu quadro com alguns nus... É possível que eu tenha lá em cima — continuou, esboçando um sorriso de satisfação — a própria natureza. Por vezes, quase tenho medo de que um sopro desperte aquela mulher e que ela desapareça.

Depois, ergueu-se de repente, como para partir.

— Oh! oh! — respondeu Porbus — chego a tempo para poupar-lhe as despesas e as fadigas da viagem.

— Como assim? — perguntou Frenhofer, admirado.

— O jovem Poussin é amado por uma mulher cuja incomparável beleza não tem a menor imperfeição. Mas, meu caro mestre, se ele consente em emprestar-lha, será preciso pelo menos que nos deixe ver sua tela.

O ancião permaneceu de pé, imóvel, num estado de perfeita estupidez.

— Como! — exclamou ele, por fim, dolorosamente — mostrar minha criatura, minha esposa? rasgar o véu sob o qual castamente encobri minha felicidade? Mas isso seria uma horrível prostituição! Faz dez anos que vivo com essa mulher, ela é minha, só minha, ela me ama. Não me sorriu a cada pincelada que lhe dei? Ela tem uma alma, a alma com que a dotei. Ela coraria se outros olhos que não os meus a fixassem. Mostrá-la! mas qual é o marido, o amante suficientemente vil para levar sua mulher à desonra? Quando fazes ora quadro para a Corte, não pões nele toda a tua alma, não vendes aos cortesãos mais do que manequins coloridos. Minha pintura não é uma pintura, é um sentimento, uma paixão! Nascida na minha oficina, ela aí deve permanecer virgem e não pode sair senão vestida. A poesia e as mulheres só se entregam nuas aos seus amantes! Possuímos nós o modelo

de Rafael, a Angélica de Ariosto, a Beatriz do Dante? Não! não lhes vemos senão as formas. Pois bem, a obra que tenho lá em cima trancada a ferrolho é uma exceção na nossa arte. Não é uma tela, é uma mulher! uma mulher com a qual choro, rio, converso, penso. Queres que repentinamente eu abandone uma felicidade de dez anos como se atira uma capa; que repentinamente eu deixe de ser pai, amante e deus? Essa mulher não é uma criatura, é uma criação. Que venha o teu rapaz, eu lhe darei meus tesouros, quadros de Correggio, de Michelangelo, de Ticiano, beijarei as pegadas de seus passos na poeira; mas fazer dele meu rival? opróbrio sobre mim! Ah! ah! sou mais amante ainda do que pintor. Sim, terei forças para queimar a minha *Belle Noiseuse* ao dar o último suspiro; mas fazê-la suportar o olhar de um homem, de um rapaz, de um pintor? não, não! Mataria no dia seguinte aquele que a tivesse poluído com um olhar! Eu te mataria agora mesmo, a ti, que és meu amigo, se não a saudasses de joelhos! Queres agora que eu submeta meu ídolo às frias miradas e às críticas estúpidas dos imbecis? Ah! o amor é um mistério que só tem vida no fundo dos corações, e tudo está perdido quando um homem diz, mesmo ao seu amigo: “Aí está a mulher que amo!”

O ancião parecia ter remozado; seus olhos tinham brilho e tinham vida; suas faces pálidas estavam matizadas de um vermelho vivo e suas mãos tremiam. Porbus, espantado com a violência apaixonada com que aquelas palavras foram proferidas, não sabia o que responder a um sentimento tão novo como profundo. Frenhofer estava no uso da razão ou louco? Estaria ele subjogado por uma fantasia de artista, ou as idéias que ele exprimira procederiam desse singular fanatismo que se produz em nós pela criação laboriosa de uma grande obra? Poder-se-ia esperar transigir um dia com aquela paixão estranha?

Empolgado por todos esses pensamentos, Porbus disse ao ancião:

— Mas não é uma mulher por outra mulher? Não entrega Poussin sua amante aos olhares do senhor?

— Que amante? — respondeu Frenhofer. — Cedo ou tarde ela o trairá. A minha me será sempre fiel!

— Pois bem — disse Porbus —, não falemos mais nisso. Mas, antes do senhor achar, mesmo na Ásia, uma mulher tão bela, tão perfeita como esta de que lhe falo, morrerá talvez sem ter concluído seu quadro.

— Oh! ele está acabado — disse Frenhofer. — Quem o visse, julgaria estar vendo uma mulher deitada num leito de veludo, velada por cortinas. Junto a ela uma tripeça de ouro exala perfumes. Ficarias tentado a agarrar as borlas dos cordões que retêm as cortinas, e te pareceria ver o seio de Catarina Lescault, uma bela cortesã chamada *Belle Noiseuse*, mover-se com a respiração. Entretanto, eu quisera ter certeza...

— Vá pois para a Ásia — respondeu Porbus, ao perceber uma certa hesitação no olhar de Frenhofer.

E Porbus deu alguns passos em direção à porta da sala.

Nesse momento, Gillette e Nicolas Poussin tinham chegado junto à residência de Frenhofer. Quando a moça estava a ponto de entrar, soltou o braço do pintor e recuou como se a tivesse invadido algum súbito pressentimento.

— Mas, afinal, que venho eu fazer aqui? — perguntou ao amante com um som de voz profundo e olhando-o fixamente.

— Gillette, deixei-te senhora de tua vontade e quero obedecer-te em tudo. Tu és minha consciência e minha glória. Volta para casa; eu serei mais feliz, talvez, do que se tu...

— Pertenço-me, acaso, quando me falas assim? Oh! não, não sou

senão uma criança... Vamos acrescentou, parecendo fazer um esforço violento —, se nosso amor morrer e se puser no meu coração um infundável arrependimento, não será tua celebridade o preço da minha obediência aos teus desejos? Entremos, será ainda viver o estar sempre como uma recordação na tua paleta.

Ao abrirem a porta da casa, os dois amantes se encontraram com Porbus, o qual, surpreendido pela beleza de Gillette, cujos olhos estavam naquele momento rasos de lágrimas, segurou-a toda trêmula e, levando-a ante o ancião, disse-lhe:

— Veja, não vale ela todas as obras-primas do mundo?

Frenhofer estremeceu. Gillette ali estava, na atitude ingênua e simples de uma jovem georgiana inocente e medrosa, raptada por bandidos e apresentada a algum mercador de escravos. Um pudico rubor corava seu rosto; ela baixava os olhos; as mãos pendiam aos lados, as forças pareciam abandoná-la, e lágrimas protestavam contra a violência feita ao seu pudor. Nesse momento, Poussin, desesperado por ter tirado do sótão aquele belo tesouro, amaldiçoou-se a si próprio. Tornou-se mais amante do que artista, e mil escrúpulos torturaram-lhe o coração quando viu os olhos rejuvenescidos do ancião, o qual, por um hábito de pintor, despiu, por assim dizer, aquela moça, adivinhando-lhe as formas mais secretas. Retornou então ao feroz ciúme do verdadeiro amor.

— Partamos, Gillette! — bradou.

Ante aquele rasgo, a amante, alegre, ergueu os olhos para ele, viu-o, e correu para seus braços.

— Ah! então tu me amas! — respondeu, desatando a chorar.

Depois de ter tido a energia de fazer calar seu sofrimento, ela não tinha forças para ocultar sua felicidade.

— Oh! deixe-me por um momento — disse o velho pintor — e

poderás compará-la com a minha *Catarina*... Sim, consinto.

No grito de Frenhofer ainda havia amor. Parecia ter faceirice para com seu simulacro de mulher e gozar de antemão o triunfo que a beleza de sua criação ia conseguir sobre a de uma verdadeira moça.

— Não o deixe desdizer-se — exclamou Porbus, batendo no ombro de Poussin. — Os frutos do amor passam depressa, os da arte são imortais.

— Para ele — respondeu Gillette, olhando Poussin e Porbus atentamente — eu não serei então mais do que uma mulher?

Ergueu a cabeça com altivez; mas, quando, depois de dirigir um olhar cintilante a Frenhofer, ela viu seu amante entretido a contemplar outra vez o retrato que anteriormente ele tomara por um Giorgione:

— Ah! — disse ela — subamos! Ele nunca me olhou assim.

— Ancião — disse Poussin, arrancando à sua meditação pela voz de Gillette —, olha esta espada, eu a mergulharei no teu coração à primeira palavra de queixa que proferir esta moça, atarei fogo a tua casa, e ninguém sairá dela. Compreendes?

Nicolas Poussin estava sombrio e seu falar foi terrível. Essa atitude e sobretudo o gesto do jovem pintor consolaram Gillette, que quase o perdoou por sacrificá-la à pintura e ao seu glorioso futuro. Porbus e Poussin ficaram na porta do ateliê, olhando em silêncio um para o outro. Se, a princípio, o pintor de *Maria Egipciaca* se permitiu algumas exclamações: “Ah! ela se está despindo, ele manda-a colocarse em boa luz! Compara-a!”, pronto calou-se ante o aspecto de Poussin, cujo semblante estava profundamente triste; e, conquanto os velhos pintores não tenham mais escrúpulos desses, tão mesquinhos diante da arte, ele admirou-os, de tal forma eram ingênuos e bonitos. O rapaz estava com a mão no punho da espada e com o ouvido quase

colado à porta. Ambos, na sombra e de pé, assemelhavam-se assim a dois conspiradores à espera da hora de apunhalar um tirano.

— Entrem, entrem! — disse o ancião, radiante de felicidade. Minha obra está perfeita, e agora posso mostrá-la com orgulho.

Jamais pintor, pincéis, tintas, tela e luz farão uma rival a Catarina Lescault, a bela cortesã!

Possuídos de viva curiosidade, Porbus e Poussin correram para o centro de uma vasta oficina coberta de pó, onde tudo estava em desordem, onde viram aqui e ali quadros pendurados nas paredes. Detiveram-se primeiro diante de uma figura de mulher de tamanho natural, seminua, que os encheu de admiração.

— Oh! não se ocupem com isso — disse Frenhofer —, é uma tela que borrei para estudar uma pose; esse quadro não vale nada. Aí estão meus erros — continuou, mostrando-lhes encantadoras composições penduradas às paredes, à roda deles.

Ante essas palavras, Porbus e Poussin, estupefatos com aquele desdém por tais obras, procuraram o retrato anunciado, sem conseguir vê-lo.

— Pois bem, aí está ele! — disse-lhes o ancião, cujos cabelos estavam em desordem, cujo rosto estava injetado por uma exaltação sobrenatural, cujos olhos cintilavam, e que ofegava como um rapaz ébrio de amor. — Ah! ah! — exclamou — não esperavam tanta perfeição! Estão diante de uma mulher e procuram um quadro. Há tanta profundidade nessa tela, o ar é nela tão real que não podem mais distingui-lo do ar que nos cerca. Onde está a arte? perdida, desaparecida! Eis as formas verdadeiras de uma rapariga. Não lhe dei bem o colorido, a precisão das linhas que parecem terminar o corpo? Não é o mesmo fenômeno que nos apresentam os objetos que estão na atmosfera como os peixes na água? Admirem como os contornos se

destacam do fundo! Não lhes parece que podem passar as mãos nesse dorso? Também, durante sete anos, estudei os efeitos da conjunção da luz e dos objetos. E esses cabelos, não os inunda a luz?... Mas, creio, ela respirou!... Vejam, esse seio! Ah! quem não o quereria adorar de joelhos? As carnes palpitam. Ela vai erguer-se, esperem!

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Poussin a Porbus.

— Não. E você?

— Nada.

Os dois pintores deixaram o velho entregue a seu êxtase, olharam para ver se a luz, ao cair a prumo sobre a tela que ele lhes estava mostrando, não neutralizava todos os seus efeitos. Examinaram então a pintura colocando-se à direita, à esquerda, de frente, abaixando-se e levantando-se alternativamente.

— Sim, sim, é mesmo uma tela — dizia-lhes Frenhofer, enganando-se com a finalidade daquele exame escrupuloso. — Olhem, aqui está a moldura, o cavalete, enfim, aqui estão minhas tintas, meus pincéis.

E apoderou-se de um pincel, que lhes apresentou num gesto ingênuo.

— O velho lansquenete está divertindo-se à nossa custa — disse Poussin, voltando para diante do pretense quadro. — Não vejo ali senão cores confusamente amontoadas e contidas por uma porção de linhas esquisitas que formam uma muralha de pintura...

— Nós nos enganamos, veja! — respondeu Porbus.

Aproximando-se, perceberam num canto da tela a ponta de um pé nu que saía daquele caos de cores, de tons, de matizes indecisos, espécie de bruma sem forma; mas um pé delicioso, um pé com vida! Ficaram petrificados de admiração diante daquele fragmento escapo a uma incrível, a uma lenta e progressiva destruição. Aquele pé apa-

recia ali como um torso de alguma Vênus de mármore de Paros que surgisse de entre os escombros de uma cidade incendiada.

— Há uma mulher por baixo disso! — exclamou Porbus, fazendo Poussin notar as camadas de tinta que o velho pintor superpusera sucessivamente ao julgar que aperfeiçoava sua pintura.

Os dois artistas viraram-se espontaneamente para Frenhofer, começando a compreender, porém de modo vago, o êxtase no qual ele vivia.

— Ele está de boa-fé — disse Porbus.

— Sim, meu amigo — respondeu o ancião, despertando —, na arte é preciso fé, fé, e viver muito tempo com a própria obra para produzir semelhante criação. Algumas dessas sombras custaram-me muito trabalho. Olhe sobre a face, ali, abaixo dos olhos, há uma leve penumbra que, se a observarem na natureza, parecer-lhes-á quase intraduzível. Pois bem, julgam vocês que esse efeito não me custou trabalhos inauditos para reproduzi-lo? Mas também, meu caro Porbus, olha atentamente para o meu trabalho e compreenderás melhor o que eu te dizia sobre o modo de tratar o modelado e os contornos. Olha a luz do seio e vê como, por uma série de retoques e de *realces* fortemente empastados, consegui agarrar a verdadeira luz e combiná-la com a alvura lustrosa dos tons iluminados; e, como por um trabalho oposto, apagando as saliências e o grão da pasta, pude, à força de amaciar o contorno da minha figura, mergulhada nos semitons, suprimir até a idéia de desenho e de meios artificiais, e dar-lhe o aspecto e o próprio ondulado da natureza. Aproximem-se e verão melhor esse trabalho. De longe, ele desaparece. Vejam! ali, creio, ele é bem visível.

E com a ponta do pincel designava aos dois pintores um bloco de cor clara.

Porbus bateu no ombro do ancião, virando-se para Poussin:

— Sabe que vemos nele um bem grande pintor? — disse.

— Ele é ainda mais poeta do que pintor — respondeu Poussin gravemente.

— Aqui — prosseguiu Porbus, tocando a tela — acaba a nossa arte sobre a terra.

— E, daí, vai perder-se no céu — disse Poussin.

— Quanto gozo nesse pedaço de tela! — exclamou Porbus.

O ancião, absorto, não os ouvia e sorria àquela mulher imaginária.

— Mas cedo ou tarde ele se aperceberá de que não há nada na sua tela! — exclamou Poussin.

— Nada na minha tela! — disse Frenhofer, olhando alternativamente os dois pintores e seu pretenso quadro.

— Que fez você! — disse Porbus em voz baixa a Poussin.

O velho segurou com força o braço do rapaz e disse-lhe:

— Nada vês, labrego! tratante! patife! desavergonhado! Para que, pois, subiste aqui? Meu bom Porbus — disse ele virando-se para o pintor —, será que você também se está divertindo à minha custa? Responda! sou seu amigo, diga, teria eu estragado meu quadro?

Porbus, indeciso, não se atreveu a falar; mas a ansiedade pintada na fisionomia lívida do ancião era tão cruel que ele apontou para a tela, dizendo:

— Veja!

Frenhofer contemplou seu quadro um instante e cambaleou.

— Nada! nada! E ter trabalhado dez anos!

Sentou-se e chorou.

— Sou pois um imbecil, um louco! não tenho nem talento nem capacidade! Não sou senão um homem rico que, ao caminhar, nada mais faz do que caminhar! Não terei, pois, produzido nada!

Contemplou a tela através de suas lágrimas, ergueu-se subitamente com orgulho e lançou aos dois pintores um olhar fulgurante:

— Pelo sangue, pelo corpo, pela cabeça de Cristo! vocês são uns invejosos que me querem fazer crer que ela está estragada, para me roubarem! Eu vejo-a! — gritou — ela é maravilhosamente bela...

Naquele momento Poussin ouviu o pranto de Gillette, esquecida num canto.

— Que tens, meu anjo? — perguntou-lhe o pintor, voltando a ser um apaixonado.

— Mata-me! — disse ela. — Eu seria uma infame se te amasse ainda, porque te desprezo... Admiro-te, e me causas horror! Amo-te, e creio que já te odeio!

Enquanto Poussin ouvia Gillette, Frenhofer cobria sua *Catarina* com uma sarja verde, com a séria tranqüilidade de um joalheiro que fechasse suas gavetas ao julgar-se na companhia de hábeis ladrões. Dirigiu aos dois pintores um olhar profundamente dissimulado, repleto de desprezo e de desconfiança, pô-los silenciosamente fora de sua oficina, com uma presteza convulsiva; depois, à porta de sua casa disse-lhes:

— Adeus, meus amiguinhos.

Esse adeus gelou os dois pintores. No dia seguinte, Porbus, inquieto, voltou para ver Frenhofer e soube que ele morrera a noite, depois de ter queimado suas telas.

*Paris, fevereiro de 1832*

---

## O elixir da longa vida

Num suntuoso palácio de Ferrara, por urna noite de inverno, dom Juan Belvidero obsequiava um príncipe da Casa de Este. Naquela época, uma festa era um espetáculo maravilhoso, que somente extraordinárias riquezas ou o poderio de um senhor se podiam dar o luxo de oferecer.

Sentadas ao redor de uma mesa iluminada por velas perfumadas, sete alegres mulheres trocavam leves conceitos, por entre admiráveis obras-primas, cujos mármorees brancos se destacavam nas paredes de estuque vermelho e contrastavam com ricos tapetes da Turquia. Vestidas de cetim, faiscantes de ouro e cobertas de pedrarias que brilhavam menos que seus olhos, todas elas relatavam paixões violentas, mas variadas, como o eram suas belezas. Não diferiam nem pelas palavras nem pelas idéias; a expressão, o olhar, alguns gestos ou a inflexão de voz serviam às suas palavras de comentários libertinos, lascivos, melancólicos ou prazenteiros.

Uma parecia dizer: “Minha beleza sabe reaquecer o coração gelado dos velhos”.

Outra: “Gosto de ficar deitada sobre coxins, para pensar com embriaguez naqueles que me adoram”.

Uma terceira, noviça nessas festas, queria enrubescer: “No fundo do coração sinto remorso!”, dizia. “Sou católica e tenho medo do inferno. Mas eu vos amo tanto, ah!, tanto e tanto, que posso vos sacrificar a eternidade!”

A quarta, bebendo um copo de vinho de Quio, exclamava: “Viva a alegria! Eu adquire uma existência nova em cada aurora! Esquecida do passado, atordoada ainda pelos assaltos da véspera, todas as noites absorvo uma vida de felicidade, uma vida cheia de amor!”

A mulher sentada junto de Belvidero olhava para ele com olhos congestionados. Estava silenciosa: “Eu não confiaria nos *bravi* para matar o meu amante, se ele me abandonasse!” Em seguida, ela rira; mas sua mão convulsiva amassava uma caixinha de ouro, miraculosamente esculpida.

— Quando serás grão-duque? — perguntou a sexta ao príncipe, com uma expressão de alegria mortífera nos dentes, e de delírio báquico nos olhos.

— E tu, quando morrerá teu pai? — disse a sétima, rindo e jogando seu ramalhete a dom Juan, com um gesto sedutor e pueril. Era uma inocente donzela acostumada a brincar com todas as coisas sagradas.

— Ah! nem me faleis disso! — exclamou o jovem e belo dom Juan Belvidero. — Existe apenas um pai eterno no mundo, e a desgraça quer que seja o meu!

As sete, cortesãs de Ferrara, os amigos de dom Juan e o próprio príncipe soltaram um grito de horror. Duzentos anos depois, e sob Luis XV, as pessoas de bom gosto teriam rido dessa tirada. Mas será que no começo de uma orgia as almas teriam ainda bastante lucidez? Malgrado o fogo das velas, o grito das paixões, o aspecto dos vasos de ouro e de prata, o vapor dos vinhos, malgrado a contemplação das mais sedutoras mulheres, será que havia ainda, no fundo dos corações, um pouco dessa vergonha pelas coisas humanas e divinas, que luta até que a orgia a tenha mergulhado nas derradeiras vagas de um vinho cintilante? Não obstante, já as flores tinham sido esmagadas,

os olhos se embruteciam, a embriaguez chegava, segundo a expressão de Rabelais, até as sandálias. Naquele momento de silêncio, uma porta se abriu; e, como no festim de Baltasar, Deus se fez reconhecer: apareceu sob a forma de um velho criado de cabelos brancos, andar trêmulo, sobrancelhas contraídas; entrou com expressão triste, fulminou com o olhar as coroas, as taças de prata dourada, as pirâmides de frutas, as luzes da festa, o arroxeadado dos rostos surpresos e as cores das almofadas calcadas pelos braços brancos das mulheres; por fim, ele jogou um véu naquela loucura, dizendo estas palavras sombrias, em voz cava:

— Senhor, vosso pai está à morte.

Dom Juan se levantou, fazendo aos hóspedes um gesto que podia se traduzir por: “Desculpem-me, isso não acontece todos os dias”.

A morte de um pai não surpreende freqüentemente os jovens, no meio dos esplendores da vida, no seio das loucas idéias de uma orgia? A morte é tão repentina nos seus caprichos, como um cortesão o é nos seus desdêns; mais fiel, contudo, ela jamais enganou alguém.

Depois que dom Juan fechou a porta e caminhou por uma comprida galeria fria, tanto quanto escura, esforçou-se por assumir uma atitude teatral; porque, ao pensar em seu papel de filho, ele havia deixado sua alegria com o guardanapo. A noite estava escura. O silencioso servidor que conduzia o jovem para uma câmara mortuária iluminava muito mal seu patrão, de maneira que a MORTE, ajudada pelo frio, o silêncio, a obscuridade, por uma reação da bebedeira talvez, pôde infundir algumas reflexões na alma daquele dissipador; ele interrogou sua vida e tornou-se pensativo, como um homem processado que se encaminha para o julgamento.

Bartolomeu Belvidero, pai de dom Juan, era um velho nonagenário, que passara a maior parte da vida nas transações comerciais.

Tendo atravessado muitas vezes as talismânicas regiões do Oriente, adquirira imensas riquezas e conhecimentos mais preciosos, dizia ele, que o ouro e os diamantes, com os quais, no momento, não se importava absolutamente. “Prefiro um dente a um rubi e o poder ao saber”, exclamava às vezes, sorrindo. Esse bom pai gostava de ouvir dom Juan relatar-lhe alguma travessura da juventude e dizia com ar motejador, prodigalizando-lhe ouro: “Meu caro filho não faça senão as tolices que te divertirem”. Era o único velho que sentia prazer em ver um moço; o amor paterno disfarçava sua caduquice, pela contemplação de uma vida tão brilhante. Na idade de sessenta anos, Belvidero se apaixonara por um anjo de paz e de beleza. Dom Juan fora o único fruto desse amor tardio e passageiro. Havia quinze anos que o pobre homem deplorava a perda de sua cara Joana. Os numerosos servidores e o filho atribuíam a essa dor de velho os hábitos singulares que ele contraíra. Refugiado na ala mais incômoda do palácio, Bartolomeu só raramente saía, e o próprio dom Juan não podia penetrar nos aposentos do pai sem permissão. Se esse voluntário anacoreta ia e vinha no palácio ou pelas ruas de Ferrara, parecia procurar uma coisa que lhe faltava; andava sempre sonhador, indeciso, preocupado como um homem que luta com uma idéia ou com uma lembrança. Enquanto o rapaz dava festas suntuosas e o palácio ressoava com as explosões de sua alegria, enquanto os cavalos escarvavam a terra nas estrebarias, enquanto os pajens brigavam, jogando dados nos degraus, Bartolomeu comia sete onças de pão por dia, e bebia água. Se precisava de um pouco de galinha, era para dar os ossos a um cãozinho de caça, negro, seu companheiro fiel. Jamais se queixava do ruído. Durante sua moléstia, se o som da trompa de caça e os latidos dos cães o surpreendiam no sono, contentava-se em dizer: “Ah! é dom Juan que volta!” Nunca se encontrara sobre a terra um pai tão

benévolo e tão indulgente; por isso o jovem Belvidero, acostumado a tratá-lo sem cerimônia, tinha todos os defeitos do filho mimado; vivia com Bartolomeu como vive uma caprichosa cortesã com um velho amante, fazendo desculpar uma impertinência com um sorriso, vendendo seu bom humor e deixando-se amar. Reconstruindo, pelo pensamento, o quadro de seus verdes anos, dom Juan se apercebeu que lhe seria difícil encontrar uma falha na bondade do pai. Sentindo nascerem os remorsos no fundo do coração, no momento em que atravessava a galeria, quase perdoou a Belvidero ter vivido tanto tempo. Voltava aos sentimentos de piedade filial, como um ladrão se torna honesto pelo gozo possível de um milhão bem roubado. Bem depressa o rapaz franqueou as altas e frias salas que compunham os aposentos de seu pai. Depois de ter experimentado os efeitos de uma atmosfera úmida, respirado o ar espesso, o odor rançoso que se exalava de velhas tapeçarias e de armários cobertos de poeira, ele se encontrou no quarto antigo do velho, diante de um leito nauseabundo, junto de um fogo quase extinto. Uma lamparina colocada numa mesa de forma gótica lançava, a intervalos regulares, fachos de luz mais ou menos fortes sobre o leito, e mostrava assim a figura do velho sob aspectos sempre diferentes. O frio sibilava através das janelas mal fechadas; e a neve, chicoteando os vitrais, produzia um ruído surdo. Aquela cena formava um contraste com a que dom Juan acabava de deixar e não pôde furtar-se a estremecer. Depois sentiu frio, quando, aproximando-se do leito, um súbito clarão, impellido por uma rajada de vento, iluminou a cabeça do pai: suas feições estavam descompostas, a pele, colada fortemente aos ossos, tinha cores esverdeadas que a brancura do travesseiro, sobre o qual o velho repousava, tornava ainda mais horríveis; contraída pelo sofrimento, a boca entreaberta e despojada de dentes deixava passar alguns suspiros, cuja energia lúgubre era

estimulada pelos bramidos da tempestade. Apesar dos traços de destruição, revelava-se naquela cabeça um caráter de incrível pujança. Ali, um espírito superior combatia a morte. Os olhos, cavados pela doença, conservavam uma fixidez singular. Parecia que Bartolomeu procurava matar com seu olhar de agonizante um inimigo sentado ao pé do leito. Esse olhar, fixo e frio, era tanto mais pavoroso quanto a cabeça permanecia numa imobilidade semelhante à dos crânios colocados nas mesas dos médicos. O corpo inteiramente moldado pelos lençóis do leito indicava que os membros do velho conservavam ainda a mesma tensão. Tudo estava morto, menos os olhos. Os sons que lhe saíam da boca tinham, em suma, qualquer coisa de mecânico. Dom Juan sentiu certa vergonha de chegar junto ao leito do pai agonizante conservando ainda, no peito, um ramalhete de cortesã, levando para ali os perfumes de uma festa e os vapores do vinho.

— Tu te divertias! — exclamou o velho, percebendo a presença do filho.

No mesmo instante, a voz pura e ligeira de uma cantora que deliciava os convivas, reforçada pelos acordes da viola com a qual ela se acompanhava, dominou os uivos da tempestade e ressoou até aquela câmara fúnebre. Dom Juan nada quis ouvir daquela selvagem afirmação dada ao pai.

— Não te quero mal por isso, meu filho.

Essas palavras cheias de doçura fizeram mal a dom Juan, que não perdoou ao pai a pungente bondade.

— Que remorsos para mim, meu pai! — disse-lhe hipocritamente.

— Pobre Juanino — replicou o agonizante com voz surda —, tenho sido tão condescendente contigo que não saberias desejar a minha morte?

— Oh! — exclamou dom Juan - se fosse possível chamar-vos à

vida novamente, eu vos daria uma parte da minha! — “A gente pode sempre dizer essas coisas”, pensava o dissipador, “é como se eu oferecesse o mundo à minha amada!” Mal acabara o seu pensamento, o velho cão de caça uivou. Aquela voz inteligente fez estremecer dom Juan, que acreditou ter sido compreendido pelo cão.

— Eu bem sabia, meu filho, que podia contar contigo exclamou o moribundo. — Eu viverei. Vai, ficarás contente. Viverei, mas sem desperdiçar um único dos dias que te pertencem.

“Ele delira”, disse dom Juan a si mesmo. Depois acrescentou em voz alta: — Sim, meu querido pai, vivereis certamente, tanto quanto eu, pois vossa imagem estará sempre dentro do meu coração.

— Não se trata dessa vida — disse o velho senhor, reunindo suas forças para se soerguer no leito, pois ficou emocionado por uma dessas suspeitas que não nascem senão no leito de morte. — Ouve, meu filho — continuou ele com voz fraca, por causa daquele último esforço —, não tenho mais desejo de morrer do que tu de abandonar as amantes, o vinho, os cavalos, os falcões, os cães e o ouro.

“Acredito”, pensou ainda o filho, ajoelhando-se à cabeceira do leito e beijando uma das mãos cadavéricas de Bartolomeu. — Mas — continuou em voz alta —, meu pai, meu querido pai, a gente precisa se submeter à vontade de Deus.

— Deus sou eu — replicou o velho, entre dentes.

— Não blasfemeis — exclamou o moço, vendo o ar ameaçador que assumiram as feições do pai. — Tomai cuidado, acabastes de receber a extrema-unção, e eu não me consolaria de vos ver morrer em estado de pecado.

— Queres ouvir-me? — gritou o moribundo, cuja boca se crispou.

Dom Juan se calou. Reinou no aposento um horrível silêncio. Através dos silvos pesados da neve, os acordes da viola e a voz deli-

ciosa chegavam ainda fracos como um dia que nasce. O moribundo sorriu.

— Agradeço-te por teres convidado cantoras, por teres trazido música! Uma festa, mulheres jovens e belas, alvas, de cabelos negros! todos os prazeres da vida; deixa-os ficar, vou renascer.

“O delírio está no auge”, pensou dom Juan.

— Descobri um meio de ressuscitar. Ouve! Procura na gaveta da mesa; poderás abri-la apertando um botão de metal oculto pelo puxador.

— Já o encontrei, meu pai.

— Isso, aí mesmo, pega um frasquinho de cristal de rocha.

— Ei-lo.

— Gastei vinte anos a... — Nesse momento o velho sentiu a aproximação da morte e reuniu toda a sua energia, para dizer: — Logo que eu tenha soltado o último suspiro, tu me esfregarás todo com essa água, e eu renascerei.

— Há muito pouca água — replicou o rapaz.

Se Bartolomeu não podia mais falar, tinha ainda a faculdade de ouvir e de ver, e a essas palavras, sua cabeça se voltou para dom Juan com um movimento de apavorante brusquidão, o pescoço ficou torto como o de uma estátua de mármore que o pensamento do escultor condenou a olhar de lado, os olhos arregalados adquiriram uma horrorosa imobilidade. Estava morto, morto, a perder sua única, sua última ilusão. Ao procurar asilo no coração do filho, encontrou um túmulo mais profundo do que o que os homens costumam fazer para seus mortos. Seus cabelos se arrepiaram de horror, e seu olhar convulso falava ainda. Era um pai que se levantava irado do sepulcro, para pedir vingança a Deus!

— Muito bem! o coitado se acabou — exclamou dom Juan.

Apressado em ver o misterioso cristal à luz da lamparina, como um bebedor consulta a garrafa no fim da refeição, ele não vira branquear os olhos do pai. O cão, boquiaberto, contemplava alternativamente seu dono morto e o elixir, da mesma forma que dom Juan olhava ora para o pai, ora para o frasco. A lamparina produzia chamas indecisas. Era profundo o silêncio, a viola emudecera. Belvidero estremeceu, crendo ver seu pai mexer-se. Intimidado com a expressão tensa de dois olhos acusadores, ele os fechou, como teria cerrado uma persiana batida pelo vento, durante uma noite de outono. Manteve-se de pé, imóvel, perdido num mundo de pensamentos. De repente, um ruído rascante, parecido com o atrito de molas enferrujadas, rompeu o silêncio. Dom Juan, surpreendido, quase deixou cair o vidro. Um suor mais frio que o aço de um punhal brotava de seus poros. Um cuco de madeira pintada surgiu acima do relógio e cantou três horas. Era uma dessas engenhosas máquinas com o auxílio das quais os sábios daquele tempo se faziam despertos à hora marcada para os seus trabalhos. A aurora tingia já as vidraças. Dom Juan tinha passado dez horas a refletir. O velho relógio era mais fiel em seu serviço, que ele no cumprimento de seus deveres para com Bartolomeu. Aquele mecanismo compunha-se de madeira, polias, cordas, engrenagens, enquanto ele tinha o mecanismo particular ao homem, chamado coração. Para não mais se arriscar a perder o misterioso licor, o cético dom Juan o recolocou na gaveta da mesinha gótica. Nessa hora grave, ouviu nas galerias um surdo tumulto: eram vozes convulsas, risos abafados, passos ligeiros, frufu de sedas, enfim, o ruído de um grupo jovem que trata de se recolher. A porta se abriu, e o príncipe, os amigos de dom Juan, as sete cortesãs, as cantoras apareceram, numa desordem bizarra, como dançarinas surpreendidas pela claridade da manhã, quando o sol luta com a chama opalescente

das velas. Vinham para oferecer ao jovem herdeiro as consolações de praxe.

— Oh! oh! então o pobre dom Juan levaria a sério essa morte? — disse o príncipe ao ouvido de Brambilla.

— Mas o pai dele era um homem muito bom — respondeu ela.

Contudo, as meditações noturnas de dom Juan tinham imprimido em seus traços uma expressão tão chocante, que impôs silêncio àquele grupo. Os homens permaneceram imóveis. As mulheres, cujos lábios ainda estavam ressecados pelo vinho, cujas faces estavam ainda marcadas pelos beijos, ajoelharam-se e se puseram a rezar. Dom Juan não pôde deixar de estremeecer, ao ver os esplendores, as jóias, os risos, os cantos, a juventude, a beleza, o poder, toda a vida personificada, prosternando-se assim diante da morte. Mas, naquela adorável Itália, a devassidão e a religião se acasalavam tão bem, que a religião era um deboche e o deboche, uma religião! O príncipe apertou afetuosamente a mão de dom Juan; depois, todos os rostos, tendo esboçado simultaneamente um mesmo trejeito, misto de tristeza e indiferença, aquela fantasmagoria desapareceu, deixando a sala vazia. Era bem a imagem da vida! Ao descer as escadas, o príncipe disse a Rivabarella: — Hein! quem teria acreditado, dom Juan, um fanfarrão de impiedade? Ele gosta do pai.

— Reparaste no cachorro preto? — perguntou Brambilla.

— Ei-lo imensamente rico — replicou, suspirando, Bianca Cavatolino.

— Que me importa?! — exclamou a altiva Varonese, a que tinha quebrado a caixinha.

— Como, que te importa? — exclamou o duque. — Com os seus escudos, ele é tão príncipe quanto eu.

A princípio, agitado por mil pensamentos, dom Juan flutuou en-

tre várias resoluções. Depois de ter tomado conhecimento da fortuna acumulada por seu pai, ele voltou, ao cair da noite, à câmara mortuária, com a alma encoscorada por um terrível egoísmo. Encontrou no aposento todo o pessoal de sua casa, ocupado em reunir os ornamentos da essa sobre a qual o falecido senhor ia ser exposto no dia seguinte, em meio a uma soberba câmara-ardente, curioso espetáculo que toda Ferrara devia vir admirar. Dom Juan fez um sinal, e a criadagem estacou, interdita, trêmula.

— Deixai-me sozinho aqui — disse ele com voz alterada; — não deveis voltar senão no momento em que eu sair.

Quando os passos do velho servidor que se ia por último apenas ressoaram debilmente nos ladrilhos, dom Juan fechou precipitadamente a porta, e, seguro de estar só, exclamou: — Tentemos!

O corpo de Bartolomeu estava deitado sobre uma grande mesa. Para escamotear a todos os olhos o horrível espetáculo de um cadáver, que uma extrema decrepitude e a magreza tornavam parecido com um esqueleto, os embalsamadores tinham estendido sobre o corpo uma mortalha que o envolvia inteiramente, menos a cabeça. Aquela espécie de múmia jazia no meio do quarto; e a mortalha, naturalmente mole, desenhava, vagamente, as formas, porém mais agudas, tensas e magras. O rosto já estava marcado de grandes manchas roxas, que indicavam a necessidade de concluir o embalsamamento. Malgrado o ceticismo com o qual vinha armado, dom Juan tremeu ao destampar o mágico frasco de cristal. Quando chegou perto da cabeça, foi mesmo constrangido a esperar um momento, tanto tremia. Mas esse jovem desde cedo fora muito subitamente corrompido pelos costumes de uma corte dissoluta; uma reflexão digna do duque de Urbino veio assim lhe dar a coragem que aguilhoava um vivo sentimento de curiosidade; parecia mesmo que o demônio tinha soprado

estas palavras que ressoaram no coração: “Embebe um olho!” Pegou um pano e, depois de o ter parcimoniosamente molhado no precioso líquido, passou-o ligeiramente sobre a pálpebra direita do cadáver. O olho se abriu.

— Ah! Ah! — disse dom Juan, segurando o frasco na mão, como agarramos em sonho o ramo pelo qual estamos suspensos acima de um precipício.

Via um olho cheio de vida, um olho de criança, numa cabeça de morto, a luz tremia ali no meio de um fluido jovem; e, protegida por belos cílios negros, ela cintilava semelhante a esses clarões únicos que o viajor percebe num campo deserto, nas tardes de inverno. Aquele olho flamejante parecia querer se atirar sobre dom Juan, e pensava, acusava condenava, ameaçava, julgava, falava, gritava, mordida. Todas as paixões humanas ali se agitavam. Eram as súplicas mais ternas: uma cólera de rei, depois o amor de uma menina pedindo graça aos seus carrascos; por fim, o olhar profundo que lança um homem sobre os homens, escalando o último degrau do patíbulo. Transbordava tanta vida naquele fragmento de vida, que dom Juan, apavorado, recuou, andou pelo quarto, sem ousar olhar para o olho, que ele revia no assoalho, nas tapeçarias. O quarto estava salpicado de pontas de fogo, de vida, de inteligência. Por toda parte brilhavam olhos que gritavam atrás dele!

— Ele seria bem capaz de viver cem anos — exclamou involuntariamente no momento em que, levado diante do pai por uma influência diabólica, contemplava aquela centelha luminosa.

Súbito, a pálpebra inteligente se fechou e se reabriu bruscamente, como a de uma mulher que consente. Se uma voz tivesse gritado: “Sim!”, dom Juan não teria ficado mais horrorizado.

“Que fazer?”, pensou ele. Teve coragem de tentar fechar a pálpe-

bra branca. Foram inúteis os esforços.

“Furá-lo? Seria um parricídio?”, perguntou-se a si mesmo.

“Sim”, disse o olho por meio de uma piscadela, de uma espantosa ironia.

— Ah! Ah! — exclamou dom Juan — há feitiçaria por aí. — E aproximou-se do olho para esmagá-lo. Uma grossa lágrima rolou nas faces cavadas do cadáver e caiu na mão de Belvidero.

— Está escaldante — exclamou ele, sentando-se.

Aquela luta o havia fatigado, como se ele tivesse combatido, a exemplo de Jacó, contra um anjo.

Levantou-se, por fim, dizendo: — Tomara que não saia sangue! — Depois, juntando o que lhe faltava de coragem para ser infame, esmagou o olho, calcando-o com um pano, mas sem olhar para ele. Um gemido inesperado, mas terrível, se fez ouvir. O pobre cãozinho expirava, uivando.

“Saberia o segredo?”, perguntou-se dom Juan, olhando o fiel animal.

Dom Juan Belvidero passou por um filho piedoso. Mandou construir um monumento de mármore branco sobre o túmulo do pai, e confiou a execução das esculturas aos mais célebres artistas do tempo. Não ficou perfeitamente tranqüilo, senão no dia em que a estátua paternal, ajoelhada diante da Religião, impôs seu enorme peso sobre aquele fosso, no fundo do qual enterrou o único remorso que tinha aflorado em seu coração nos momentos de lassidão física.

Ao inventariar as imensas riquezas acumuladas pelo velho orientalista, dom Juan tornou-se avaro: não tinha ele que prover de dinheiro duas vidas humanas? Seu olhar profundamente perscrutador penetrou no princípio da vida social e devassou tanto mais o mundo, quanto o via através de urna tumba. Analisou os homens e as coisas,

para acabar de uma vez com o Passado, representado pela História; com o Presente, configurado pela Lei; com o Futuro, revelado pelas Religiões. Pegou a alma e a matéria, lançou-as num cadinho, nada encontrou aí, e desde então ele se tornou DOM JUAN!

Mestre das ilusões da vida, jovem e belo, lançou-se à vida, desprezando o mundo, mas apoderando-se do mundo. Sua felicidade não podia ser essa felicidade burguesa que se sustenta com um *cozido* periódico, com um bom aquecedor no inverno, com um lume para a noite e chinelas novas em cada trimestre. Não, ele se apoderou da existência, como um macaco que agarra uma noz, e, sem se divertir por muito tempo, despojou sabiamente os vulgares envoltórios do fruto, para degustar a polpa saborosa. A poesia e os sublimes transportes da paixão humana não lhe subiram além do calcanhar. Não cometeu nenhum dos erros dos homens poderosos que, imaginando às vezes que as pequenas almas crêem nas grandes, aconselham a trocar os altos pensamentos do porvir pela moedinha dos nossos ideais transitórios. Bem poderia, como eles, andar com os pés na terra e a cabeça nos céus, mas preferia sentar-se, e secar sob seus beijos mais de um lábio de mulher carinhosa, fresca e perfumada; porque, semelhante à morte, por onde passava devorava tudo sem pudor, querendo um amor possessivo, um amor oriental, de prazeres longos e fáceis. Não amando senão a *mulher* nas mulheres, fez da ironia uma outra natureza da sua alma. Quando suas amantes se serviam de um leito para subir aos céus, onde iam se perder no seio de um êxtase embriagador, dom Juan as seguia grave, expansivo, sincero, tanto quanto sabe ser um estudante alemão. Mas ele dizia EU, quando a amante, louca desvairada, dizia NÓS! Sabia admiravelmente bem deixar-se prender por uma mulher. Era sempre bastante forte para lhe fazer crer que tremia como um jovem ginasião que diz à sua primeira dama, num

baile: “Gostais de dançar?” Mas sabia também enrubescer a propósito, tirar sua espada poderosa e humilhar os comendadores. Havia ridículo em sua simplicidade e riso em suas lágrimas, porque ele sempre soube chorar tanto quanto uma mulher que diz ao marido: “Dá-me uma carruagem, senão morro tuberculosa”.

Para os negociantes o mundo é um pacote de mercadorias ou um maço de notas em circulação; para a maior parte dos moços é uma mulher; para algumas mulheres é um homem; para certos espíritos é um salão, uma salinha, um quarteirão, uma cidade; para dom Juan, o universo era ele!

Modelo de graça e de nobreza, de um espírito sedutor, aportou sua barca a todas as praias; mas, deixando-se conduzir, não ia senão até onde queria ser levado. Quanto mais viveu, mais duvidou. Examinando os homens, adivinhou muitas vezes que a coragem era a temeridade; a prudência, a covardia; a generosidade, a astúcia; a justiça, crime; a delicadeza, frivolidade; a probidade, organização; e, por uma singular fatalidade, percebeu que as pessoas verdadeiramente honestas, delicadas, justas, generosas, prudentes e corajosas não obtinham nenhuma consideração entre os homens. “Que tola palhaçada!”, disse consigo. “Não vem de um deus.” E assim renunciando a um mundo melhor, jamais se descobriu ao ouvir pronunciar um nome, e considerou os santos de pedra nas igrejas obras de arte. E compreendendo o mecanismo das sociedades humanas, nunca hostilizava demais os preconceitos, pois não era tão poderoso quanto o carrasco. Mas contornava as leis sociais com essa graça e esse espírito tão bem representados na sua cena com o senhor Domingo. Foi, com efeito, o tipo do *Dom Juan*, de Molière, do *Fausto*, de Goethe, do *Manfredo* de Byron, e do *Melmoth*, de Maturin. Grandes imagens traçadas pelos maiores gênios da Europa, e aos quais os acordes de Mozart não fariam tanta

falta quanto a lira de Rossini, talvez! Imagens terríveis que o princípio do Mal, existente em cada homem, eterniza, e do qual algumas cópias se reencontram de século em século: quer esse tipo entre em entendimentos com os homens encarnando-se em Mirabeau, quer se contente de agir em silêncio, como Bonaparte, ou de sobrecarregar o universo de ironia, como o divino Rabelais; ou ainda que se ria dos seres em lugar de insultar as coisas, como o marechal de Richelieu; e, melhor, talvez, que moteje dos homens e das coisas, como o mais célebre dos nossos embaixadores. Mas o gênio profundo de dom Juan Belvidero resumiu antecipadamente todos esses gênios. Caçou de tudo. Sua vida era um sarcasmo que atingia homens, coisas, instituições, idéias. Quanto à eternidade, tinha conversado familiarmente uma meia hora com o papa Júlio II, e, no fim da conversação, disse-lhe, rindo: — Se é absolutamente necessário escolher, prefiro crer em Deus a crer no Diabo; o poder unido à bondade oferece sempre mais fontes de recursos do que tem o gênio do Mal.

— Sim, mas Deus quer que se faça penitência neste mundo...

— Então pensais sempre em vossas indulgências? - respondeu Belvidero. — Pois bem, tenho, para me arrepender das faltas da minha primeira vida, uma existência completa em reserva.

— Ah! se tu compreendes assim a velhice — exclamou o papa —, tu te arriscas a ser canonizado.

— Depois da vossa elevação ao papado, pode-se crer em tudo.

E eles foram ver os operários ocupados em construir a imensa basílica consagrada a São Pedro.

— São Pedro foi o homem de gênio que estabeleceu o nosso duplo poder — disse o papa a dom Juan; — merece esse monumento. Mas às vezes penso, à noite, que um dilúvio passará a esponja sobre isso e será preciso recomeçar.

Dom Juan e o papa puseram-se a rir, tinham-se compreendido. Um tolo teria ido no dia seguinte divertir-se com Júlio II, em casa de Rafael, ou na deliciosa Vila Madame; mas Belvidero foi vê-lo officiar pontificalmente, a fim de se convencer de suas dúvidas. Em um debate, La Rovère poderia se desmentir e comentar o Apocalipse.

Entretanto, essa lenda não foi empreendida para fornecer materiais aos que quizerem escrever memórias sobre a vida de dom Juan; ela destina-se a provar à gente honesta que Belvidero não morreu no seu duelo com uma pedra, como querem fazer crer algumas litografias.

Quando dom Juan Belvidero atingiu a idade de sessenta anos veio se fixar na Espanha. Aí, nos seus dias de velhice desposou uma jovem e sedutora andaluza. Mas, por cálculo, não foi nem bom pai, nem bom esposo. Observara que nunca somos ternamente amados senão pelas mulheres com as quais absolutamente não nos importamos. A sra. Elvira, santamente criada por uma tia idosa, no interior da Andaluzia, num castelo a algumas léguas de San Lúcar, era toda devotamento e toda graça. Dom Juan adivinhou que essa moça seria mulher que combateria muito tempo uma paixão, antes de ceder; esperou assim poder conservá-la virtuosa até a sua morte. Foi uma brincadeira séria, uma partida de xadrez que quis se reservar, para jogar em sua velhice.

Fortalecido por todas as faltas cometidas por seu pai Bartolomeu, dom Juan resolveu imolar as menores ações de sua velhice ao triunfo do drama que deveria se cumprir em seu leito de morte. Assim, a maior parte de suas riquezas permaneceu enfiada nas caves do seu palácio em Ferrara, aonde ia raramente. Quanto à outra metade da fortuna, foi colocada em bens vitalícios, a fim de interessar na duração de sua vida sua mulher e seus filhos, espécie de safadeza que

seu pai deveria ter feito; mas essa especulação de maquiavelismo não lhe foi muito necessária. O jovem Filipe Belvidero, seu filho, tornou-se um espanhol tão conscienciosamente religioso, quanto o pai era ímpio, em virtude, talvez, do provérbio: De pai avarento, filho pródigo. O abade de San Lúcar foi escolhido por dom Juan para dirigir a consciência da duquesa de Belvidero e de Filipe. O eclesiástico era um santo homem, de belo talhe, admiravelmente proporcionado, com belos olhos negros, a cabeça de Tíberio, fatigada pelos jejuns, branca pelas macerações, e cotidianamente tentado, como são todos os solitários. O velho senhor esperava talvez poder matar um monge, antes de acabar seu primeiro turno de vida. Mas, ou porque o abade fosse tão forte quanto o próprio dom Juan podia ser, ou porque a sra. Elvira tivesse mais prudência ou virtude que a Espanha concede às mulheres, dom Juan foi constrangido a passar seus últimos dias como um velho pároco de aldeia, sem escândalo em casa. Por vezes, sentia prazer em encontrar o filho ou a mulher em falta nos seus deveres religiosos, e queria imperiosamente que eles executassem todas as obrigações impostas aos fiéis pela corte de Roma. Enfim, nunca era tão feliz como quando ouvia o galante abade de San Lúcar, a sra. Elvira e Filipe, ocupados em discutir um caso de consciência. Contudo, malgrado os cuidados prodigiosos que o senhor dom Juan Belvidero dava à sua pessoa, os dias da decrepitude chegaram; com essa idade de dor, vieram os gritos de impotência, gritos tanto mais dilacerantes quanto mais ricas eram as lembranças da sua fervente juventude e da sua voluptuosa maturidade. Esse homem, no qual o último grau da impertinência era levar os outros a crerem nas leis e nos princípios de que ele próprio zombava, adormecia à noite com um *talvez!* Aquele modelo do bom-tom, o duque vigoroso numa orgia, soberbo nas cortes, gracioso junto às mulheres, cujo coração tinha sido dobrado por

ele, como um camponês dobra varas de vime, aquele homem de gênio tinha uma rinite teimosa, uma ciática importuna, uma gota brutal. Via os dentes abandoná-lo como no fim de uma noitada as damas mais brancas, as quais bem enfeitadas, se vão, uma a uma, deixando o salão deserto e despojado. Finalmente, suas mãos ousadas tremeram, as pernas esbeltas afrouxaram, e uma tarde a apoplexia lhe apertou o pescoço, com mãos recurvas e geladas. Desde esse dia fatal ele se tornou moroso e rígido. Acusava o devotamento do filho e da mulher, pretendendo às vezes que seus cuidados comoventes e delicados não lhe eram tão ternamente prodigalizados senão porque tinha colocado toda a sua fortuna em rendas vitalícias. Elvira e Filipe derramavam então lágrimas amargas e redobravam de carícias junto ao malicioso velho, cuja voz enfraquecida se tornava afetuosa para dizer: — Meus amigos, minha querida mulher, vós me perdoais, não é? Atormento-vos um pouco. Ah! Grande Deus, por que te serves de mim para experimentar essas duas criaturas celestes? Eu, que devia ser sua alegria, sou a sua tortura.

Foi assim que os amarrou à cabeceira do seu leito, fazendo-os esquecer meses inteiros de impaciência e de crueldade por uma hora em que, para eles, recobrava os tesouros sempre novos de sua graça e de sua falsa ternura. Sistema paternal que lhe rendeu infinitamente mais que aquele de que tinha usado outrora o seu pai para com ele. Finalmente, a doença agravou-se tanto que, para pô-lo no leito, era preciso manobrá-lo como um grande barco por entre um canal perigoso. Depois, chegou o dia da morte. Aquela brilhante e cética personagem, de quem somente a lucidez sobrevivia à mais espantosa de todas as destruições, viu-se entre um médico e um confessor, suas duas antipatias. Mas foi jovial com eles. Não havia para ele uma luz cintilante atrás do véu do porvir? Sobre esse véu, de chumbo para os

outros e diáfano para ele, as suaves, sedutoras delícias da juventude flanavam como sombras.

Foi numa bela noite de verão que dom Juan sentiu a aproximação da morte. O céu de Espanha era de uma admirável pureza, as laranjeiras perfumavam o ar, as estrelas desprendiam vivas e frescas luminárias, a natureza parecia lhe dar penhores seguros da sua ressurreição, um filho piedoso e obediente o contemplava com amor e respeito. Cerca das onze horas, quis permanecer sozinho com aquele ente cândido.

— Filipe! — disse-lhe, com voz tão terna e tão afetuosa, que o rapaz estremeceu e chorou de felicidade. Jamais esse pai inflexível tinha pronunciado assim um “Filipe!” — Ouve, meu filho — continuou o moribundo. — Sou um grande pecador, Por isso, pensei, durante toda a minha vida, em minha morte. Fui em outros tempos amigo de um grande papa, Júlio II. O ilustre pontífice temia que a excessiva irritação de meus sentidos me fizesse cometer algum pecado mortal, entre o momento em que eu expirasse e aquele em que tivesse recebido os santos óleos; fez-me presente de um frasco que contém a água santa, jorrada outrora de rochedos do deserto. Guardei o segredo dessa dilapidação do tesouro da Igreja, mas estou autorizado a revelar o seu mistério ao meu filho, *in articulo mortis*. Encontrarás o frasco na gaveta dessa mesa gótica, que nunca deixou a cabeceira da minha cama... O precioso cristal poderá servir-te ainda, meu bem-amado Filipe. Juras-me, pela tua eterna salvação, executar literalmente minhas ordens?

Filipe olhou para o pai. Dom Juan conhecia bastante a expressão dos sentimentos humanos para não morrer em paz, confiante naquele olhar, como seu pai havia morrido no desespero, com a expressão do seu.

— Merecias outro pai — continuou dom Juan. — Tenho a ousadia de confessar-te, meu filho, que, no momento em que o respeitável abade de San Lúcar me administrava o viático, eu pensava na incompatibilidade de dois poderes tão extensos quanto os do Diabo e de Deus...

— Oh! Meu pai!

— Eu me dizia que, quando Satanás fez as suas pazes, deveria, sob pena de ser um grande miserável, estipular o perdão de seus adeptos. Esse pensamento me persegue. Eu iria assim para o inferno, meu filho, se tu não cumprisses minhas vontades!

— Oh! disse-as depressa, meu pai!

— Logo que eu tiver fechado os olhos — replicou dom Juan —, dentro de alguns minutos talvez, tu tomarás meu corpo, quente ainda, e o estenderás sobre uma mesa no meio deste quarto. Depois apagarás esse lume; o clarão das estrelas te bastará. Tu me despojarás das roupas; e enquanto recitares padre-nossos e ave-marias, elevando tua alma a Deus, terás o cuidado de umedecer com esta água santa, primeiro, os meus olhos, meus lábios, toda a cabeça, depois, sucessivamente, os membros e o corpo; mas, meu caro filho a onipotência de Deus é tão grande que será preciso não te espantares de nada!

Aqui, dom Juan, que sentiu chegar a morte, acrescentou com voz terrível:

— Segura bem o frasco.

Depois, expirou docemente nos braços do filho, cujas lágrimas abundantes correram sobre sua face irônica e blasfema.

Era cerca da meia-noite quando dom Filipe Belvidero colocou o cadáver de seu pai na mesa. Depois de lhe ter beijado a fronte ameaçadora e os cabelos grisalhos, apagou o lume. O suave clarão produzido pelo luar, cujos reflexos curiosos iluminavam o campo, permitiu

ao piedoso Filipe entrever indistintamente o corpo do pai como alguma coisa de branco no meio da sombra. O jovem embebeu o pano no líquido e, mergulhado na prece, umedeceu fielmente aquela cabeça sagrada, em meio a um profundo silêncio. Ouvia bem uns estremecimentos indescritíveis, mas atribuía-os aos caprichos da brisa nos cumos das árvores. Quando tinha molhado o braço direito, sentiu o pescoço fortemente agarrado por um braço jovem e vigoroso, o braço de seu pai! Deu um grito dilacerante e deixou cair o vidro, que se quebrou. O líquido se evaporou. Os criados do castelo acorreram, armados de tochas. Aquele grito os tinha apavorado e surpreendido, como a trombeta do Juízo Final teria abalado o universo. A multidão de gente, trêmula, deu com dom Filipe desfalecido, mas retido pelo braço poderoso do pai, que lhe apertava o pescoço. Depois, coisa sobrenatural, a assistência viu a cabeça de dom Juan tão jovem, tão bela, como a de Antínoo<sup>14</sup>; uma cabeça de cabelos negros, olhos brilhantes, boca vermelha e que se agitava medonhamente, sem remover o esqueleto ao qual pertencia. Um velho servidor gritou: “Milagre!”, e todos aqueles espanhóis repetiram: “Milagre!” Piedosa demais para admitir os mistérios da magia, a sra. Elvira mandou procurar o abade de San Lúcar.

Quando o prior contemplou com seus próprios olhos o milagre, resolveu aproveitar o caso, como homem de espírito como abade, que nada mais desejava se não aumentar os seus lucros. Declarando logo que o senhor dom Juan seria infalivelmente canonizado, indicou a cerimônia da apoteose no seu convento, que daquele dia em diante se chamaria, disse ele, San Juan de Lúcar. A essas palavras, a cabeça fez uma careta bastante chistosa.

O gosto dos espanhóis por essas espécies de solenidade é tão co-

---

14 Favorito do imperador Adriano, homem de grande beleza. (N. da T.)

nhecido, que não deve ser difícil crer nas maravilhas religiosas pelas quais o abade de San Lúcar celebrou a translação do *bem-aventurado dom Juan Belvidero* para sua igreja. Alguns dias depois da morte do ilustre senhor o milagre de sua imperfeita ressurreição estava tão difundido na aldeia, numa área de cinqüenta léguas ao redor de San Lúcar, que foi já uma comédia ver os curiosos pelos caminhos: chegavam de todos os lados, tangidos por um te-déum cantado à luz de tochas.

A antiga mesquita do convento de San Lúcar, maravilhoso edifício construído pelos mouros, e cujas colunas ouviam há três séculos o nome de Jesus Cristo, que substituiu o de Alá, não pôde conter a multidão que acorrera para ver a cerimônia. Comprimidos como formigas, fidalgos com casacos de veludo e armados com suas boas espadas mantinham-se de pé em torno dos pilares, sem encontrar lugar para dobrar os joelhos, que não se dobravam senão ali. Sedutoras camponesas, cujo casaquinho desenhava as formas amorosas, davam o braço a velhos de cabelos brancos. Jovens de olhos de fogo se encontravam ao lado de velhas senhoras enfeitadas. Depois eram os casais frementes de alegria, noivas curiosas levadas por seus bem-amados; recém-casados; meninos segurando-se tímidos pela mão.

Toda aquela gente achava-se rica de cores, brilhante de contrastes, carregada de flores, embelezada, fazendo um suave tumulto no silêncio da noite.

As grandes portas da igreja se abriram. Os que chegavam atrasados ficavam do lado de fora, observavam de longe, pelos três portais abertos, uma cena de que as decorações vaporosas das nossas óperas não saberiam dar uma fraca idéia. Devotos e pecadores, aflitos por ganharem as boas graças de um novo santo, acendiam em sua honra milhares de círios na vasta igreja — chamas interessadas que deram

aspectos mágicos ao monumento. As negras arcadas, as colunas e seus capitéis, as capelas profundas e brilhantes de ouro e prata, as galerias, os cortes sarracenos, os mais delicados traços daquela escultura delicada, delineavam-se àquela luz superabundante, como figuras caprichosas que se formam num braseiro vermelho. Era um oceano de fogo, dominado no fundo da igreja pelo coro dourado, onde se elevava o altar-mor, cuja glória rivalizava com a do sol nascente. Com efeito, o esplendor das luminárias de ouro, dos candelabros de prata, estandartes, passamanes, santos e ex-votos, tudo empalidecia diante do caixão em que se encontrava dom Juan. O corpo do ímpio faiscava de pedrarias, de flores, de cristais, de diamantes, de ouro, de plumas tão brancas quanto as asas de um serafim, e substituíra no altar um quadro de Cristo. Em torno dele brilhavam os numerosos círios que lançavam aos ares ondas flamejantes.

O bom abade de San Lúcar, paramentado com os hábitos pontificais, tendo a mitra enriquecida de pedras preciosas, a sobrepeliz de mangas estreitas, o bastão pastoral de ouro refestelava-se, rei do coro, numa poltrona de luxo imperial, no meio de todo o clero, composto de impassíveis velhos de cabelos prateados, revestidos de alvas finas, e que o cercavam, semelhante aos santos confessores que os pintores agrupam em torno do Eterno. O grão-cantor e os dignitários do capítulo, ornamentados com as brilhantes insígnias de suas vaidades eclesiásticas, iam e vinham no seio de nuvens formadas pelo incenso, parecidos com os astros que rolam no firmamento.

Quando chegou a hora do triunfo, os sinos despertaram o eco nas campinas e aquela imensa assembléia lançou a Deus o primeiro grito de louvores pelo qual começa o te-déum. Grito sublime! Eram vozes puras e ligeiras, vozes de mulheres em êxtase, misturadas às vozes graves e fortes dos homens, milhares de vozes tão poderosas que o

órgão não lhes dominou o conjunto, apesar do bramido de seus tubos. Somente as notas penetrantes da voz jovem dos meninos do coro e os tons quentes de alguns baixos suscitaram idéias graciosas, representaram a infância e a força, naquele admirável concerto de vozes humanas, confundidas num mesmo sentimento de amor.

— *Te Deum laudamus!*

Do seio daquela catedral, negra de mulheres e de homens ajoelhados, partiu esse canto, semelhante a uma luz que cintila de repente na noite, e o silêncio foi quebrado como que por um estrondo de trovão. As vozes subiram com as nuvens de incenso que lançavam véus diáfanos e azulados, sobre as fantásticas maravilhas da arquitetura. Tudo era riqueza, perfume, luz e melodia.

No instante em que essa música de amor e gratidão se lançou para o altar, dom Juan, polido demais para não agradecer, espirituoso demais para não apreender a ironia, respondeu com um riso terrível e afetou uma atitude solene e altiva em seu caixão. Mas o Diabo, tendo-o feito pensar no perigo que corria de ser tomado por um homem comum, por um santo, um Bonifácio, um Pantaleão, perturbou aquela melodia de amor com um urro, ao qual se juntaram as mil vozes do inferno. A terra bendizia, o céu amaldiçoava. A igreja tremeu sobre seus fundamentos antigos.

— *Te Deum laudamus!* — dizia a assembléia.

— Vão para o diabo, bestas, brutos que são! Deus! Deus! *Carajos demonios*<sup>15</sup>, animais, são todos uns estúpidos com o seu Deus velho!

E uma torrente de imprecções rolou como um regato de lavas ardentes, numa erupção do Vesúvio.

— *Deus sabaoth, sabaoth!* — gritavam os cristãos.

— Insultais a majestade do inferno! — respondeu então dom

Juan, que rangia os dentes.

Logo o braço vivo pôde passar por cima do caixão e ameaçou o povo com gestos impregnados de desespero e ironia.

— O santo nos abençoa! — disseram as velhas, as crianças e os noivos, gente crédula.

Eis como somos enganados muitas vezes em nossas adorações. O homem superior zomba dos que o cumprimentam e cumprimenta algumas vezes aqueles de quem zomba no fundo do coração.

No momento em que o abade, prosternado diante do altar, cantava: “*Sancte Johanes, ora pro nobis!*”, ouviu distintamente: — *O coglione!* \*

— Que se passa lá em cima? — exclamou o vice-prior, vendo o caixão se mover.

— O santo pinta o diabo — respondeu o abade.

Então, aquela cabeça viva se desligou violentamente do corpo que não vivia mais e caiu sobre o crânio amarelo do oficiante.

— Lembra-te da sra. Elvira: — gritou a cabeça, devorando a do abade.

Este último soltou um grito medonho, que perturbou a cerimônia. Todos os sacerdotes acorreram e cercaram seu soberano.

— Imbecil, diz agora que há um Deus! — gritou a voz, no momento em que o abade, mordido no cérebro, expirava.

*Paris, outubro de 1830*

---

15 Em espanhol no original. (N. da T.)

Texto composto em Bodoni MT 11/16.